



Universidade de Brasília (UnB)
Faculdade de Ciência da Informação
Curso de Graduação de Biblioteconomia

A atuação da biblioteca escolar no incentivo ao hábito de leitura

Luciano Gonçalves Mendes

Brasília
Janeiro 2011



Universidade de Brasília (UnB)
Faculdade de Ciência da Informação
Curso de Graduação de Biblioteconomia

A atuação da biblioteca escolar no incentivo ao hábito de leitura

Luciano Gonçalves Mendes

Monografia apresentada ao Departamento de
Ciência da Informação e Documentação da
Universidade de Brasília como requisito
parcial para a obtenção do grau de Bacharel
em Biblioteconomia.

Brasília
Janeiro 2011

Mendes, Luciano Gonçalves.

A atuação da biblioteca escolar no incentivo ao hábito de leitura / Luciano Gonçalves Mendes. -- Brasília: Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, 2011.

58 p.;

Orientadora: Profa. DRA . Dulce Maria Baptista

1.Biblioteca escolar. 2. Hábito de leitura.

CDU: 027.1.8

Agradecimentos

Agradeço os conselhos da minha orientadora, da minha madrinha Magdala de Sousa, a Fernanda Matos e aos meus amigos do CO.

Epígrafe

“Um país se faz com homens e livros”

Monteiro Lobato

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BEs – Bibliotecas Escolares

CNE - Conselho Nacional de educação

MEC – Ministério da Educação

MinC – Ministério da Cultura

PNBE – Programa Nacional de Biblioteca na Escola

PROLER – Programa Nacional de Incentivo a Leitura

OEI – Organização dos Estados Ibero Americanos para Educação, Ciência e Cultura

OPs – Diretores e Orientadores Pedagógicos

SEDF – Secretaria de Educação do Distrito Federal

UNDIME – União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 8 |
| 2 JUSTIFICATIVA..... | 9 |
| 3 OBJETIVOS..... | 9 |
| 4 METODOLOGIA..... | 10 |
| 5 REVISÃO DE LITERATURA..... | 10 |
| 5.1 Dados Estatísticos sobre a Leitura no Brasil..... | 14 |
| 5.2 Políticas Públicas de Incentivo a Leitura..... | 18 |
| 5.3 Campanhas de Incentivo a Leitura..... | 18 |
| 5.4 Situação Sócio-Econômica e Leitura..... | 19 |
| 5.5 Analfabetismo Funcional..... | 24 |
| 5.6 Biblioteca Escolar e Ciência da Informação..... | 27 |
| 5.7 Breve Histórico da Biblioteca Escolar..... | 29 |
| 5.8 Missão e Funções da Biblioteca Escolar..... | 30 |
| 5.9 Divulgação da Biblioteca Escolar..... | 35 |
| 5.10 Atuação do Bibliotecário na Biblioteca Escolar..... | 38 |
| 5.11 Leitura Mediada..... | 44 |
| 5.12 Hora do Conto..... | 48 |
| 5.13 Encontro Literário ou Roda de Leitura..... | 52 |
| 6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS..... | 53 |
| 7 CONCLUSÃO..... | 56 |
| 8 REFERÊNCIAS..... | 57 |
| ANEXO A: QUESTIONÁRIO | |

1 INTRODUÇÃO

A presente monografia de conclusão do curso de Biblioteconomia versa sobre a biblioteca escolar como instrumento de estímulo ao hábito de leitura. Para a realização do estudo foi levantada bibliografia referente ao assunto, contemplando diferentes aspectos da questão. Dessa forma foram consultados documentos como livros e artigos, tanto em sua forma impressa como eletrônica, no intuito de se obter o necessário embasamento teórico referente á problemática da leitura no Brasil e o papel que as bibliotecas escolares têm a desempenhar nesse particular. Foram realizadas entrevistas junto a profissionais bibliotecários que atuam em bibliotecas escolares, como elementos ilustrativos e reveladores da situação presente no Distrito Federal. A pesquisa não foi propriamente exaustiva, tanto em função da abrangência do problema, como também em decorrência das limitações práticas impostas pelo calendário acadêmico. Não obstante, espera-se que com as informações e os dados obtidos seja possível uma visualização do hábito de leitura no âmbito das bibliotecas escolares, contribuir com a literatura nessa área, e, sobretudo enfatizar a importância da formação de leitores no ambiente escolar, o que tradicionalmente tem ocorrido de forma insuficiente no Brasil.

2 JUSTIFICATIVA

Considerando que o hábito de leitura é indispensável à formação da cidadania, as conhecidas deficiências da educação brasileira nessa área e a crescente percepção da importância da biblioteca escolar como agente de transformação, essa pesquisa se justifica pela necessidade de trazer novos elementos de discussão sobre esse primordial aspecto na educação dos cidadãos.

3 OBJETIVOS

3. Objetivo geral

Analisar o papel da biblioteca escolar na formação do hábito de leitura.

3. Objetivos específicos

Verificar de que forma as bibliotecas escolares do Distrito Federal contribuem ao hábito de leitura.

Contribuir com a literatura referente ao papel da biblioteca escolar no hábito de leitura.

4 METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa descritiva baseada em revisão de literatura e levantamento de dados e informações junto a bibliotecas escolares do Distrito Federal. Nesse aspecto a revisão de literatura é considerada como um dos passos da metodologia. A coleta de dados baseou-se em questionário aplicado a uma pequena amostra de cinco bibliotecas pertencentes a escolas públicas e particulares do Distrito Federal, composta de: Escola Classe 409 Norte, Escola Parque 209 Norte, La Salle, Dom Bosco, JK. Embora reduzida, a amostra, aliada a revisão de literatura, fornece elementos que conduzem a uma visão ilustrativa do hábito de leitura, tal como desenvolvido e estimulado no ambiente escolar. Como instrumento de coleta de dados, o questionário (ver anexo) constou de sete perguntas sendo cinco fechadas e duas abertas.

5. REVISÃO DE LITERATURA

Sabendo que o tema do hábito de leitura é bastante abrangente, a revisão de literatura inclui os seguintes tópicos: dados estatísticos sobre a leitura no Brasil; políticas públicas de incentivo a leitura; as campanhas de incentivo a leitura; situação sócio-econômica e a leitura; o analfabetismo funcional; a biblioteca escolar e a ciência da informação; breve histórico da biblioteca escolar; biblioteca escolar; o bibliotecário na biblioteca escolar; a leitura mediada; a hora do conto; encontro literário ou roda de leitura.

5.1 Dados estatísticos sobre a leitura no Brasil

Sabe-se que a leitura não é um hábito praticado pela maioria dos brasileiros, mas quando se analisa esta situação quantitativamente a situação se mostra realmente preocupante segundo o Instituto do Pró-Livro, (2007, p.13), especialmente referindo-se aos não leitores:

São considerados não alfabetizados 16% da amostra declaram-se não leitores 48% (não leram um livro nos três meses anteriores á pesquisa). Essa proporção desce Para 45% se forem considerados os que não leram um livro no ano anterior. 33%

Dos não-leitores são analfabetos e 37% têm até a 4ª série, faixa em que as práticas de leitura ainda não estão consolidadas.

A maior parcela de não-leitores está entre os adultos: 30 a 39 (15%), 40 a 49 (15%), 50 a 59 (13%) e 60 a 69 (11%). O número de não-leitores diminui de acordo com a renda familiar e de acordo com a classe social. Quase não há não-leitores na classe A e há apenas 1% de não-leitores quando a renda familiar é de mais de 10 salários mínimos. Isso pode levar à conclusão de que o poder aquisitivo é significativo para a constituição de leitores assíduos.

As dificuldades de leitura declaradas configuram um quadro de má formação das habilidades necessárias à leitura, o que pode decorrer da fragilidade do processo educacional: lêem muito devagar: 17%; não compreendem o que lêem: 7%; não têm paciência para ler: 11%; não tem concentração: 7%. Todos esses problemas dizem respeito a habilidades que são formadas no processo educacional. Esses dados somam 42% do universo pesquisado. Para superar essas dificuldades, seria necessário um esforço significativo por parte do poder público na formação e aperfeiçoamento de professores de língua portuguesa e mediadores de leitura.

O fator não ter paciência para ler e particularmente, não ter interesse, isso talvez pareça razoável para um livro de conteúdo mais denso, mas e se fosse um livro sobre piadas, será que ainda assim haveria impaciência?

Apesar dos dados mostrarem que o poder aquisitivo é significativo para a constituição de leitores assíduos, seria interessante saber se os mesmos lêem pelo prazer da leitura ou por necessidades profissionais ou pessoais. Afinal existem pessoas, mesmo da classe média alta, que põem uma série de fatores a frente da leitura quando a questão é entretenimento.

Assim os países pobres têm dificuldades para superar o analfabetismo, enquanto os países ricos acabaram por desenvolver o iletrismo (FARIA, 2006).

Existem muitos estudantes de nível fundamental e médio que quando perguntados de qual matéria mais gostam dizem que não gostam de nenhuma. Nos sites de relacionamento, na parte do perfil relacionado à leitura, dizem que odeiam ler. Uma das irmãs do autor é um exemplo disso. Mesmo entre os estudantes de nível superior existem aqueles que só lêem a bibliografia obrigatória do seu curso e mal frequentam a biblioteca. “Sabe-se que a realidade do estudante universitário é de baixa frequência às bibliotecas e de leituras fragmentadas por meio de cópias de livros” (ROSA; ODDONE) Segundo Faria (2006), crianças do ensino fundamental passam para o ensino médio sem aprender a ler e escrever corretamente; adolescentes ingressam na faculdade da mesma forma, assim como os cursos de pós graduação, mestrado, doutorado etc. que são

representados por um número pequeno de leitores no sentido pleno (FARIA, 2006). Será que não teria faltado a essas pessoas o incentivo adequado a leitura?

Há uma grande, enorme fatia da população que não conhece os materiais de leitura, ou conhece muito mal. Há um claríssimo problema de acesso aos materiais de leitura, especialmente ao livro. Mesmo tendo-os por perto, falta a descoberta, a volta na chave que faz a súbita ligação e torna o sujeito capturado para a leitura. Ele não descobriu a senha. Por isso mesmo, á frente da leitura (5º ou 4º lugar, conforme o enfoque), depois apenas de ver televisão ouvir música e (as vezes) ouvir rádio, os entrevistados (mesmo os mais novos) afirmaram preferir ocupar seu tempo livre... descansando!!! Ao mesmo tempo a falta de tempo (com índices de ás vezes mais de 50%) é a alegação mais comum dos entrevistados, em várias respostas, para tentar justificar o não envolvimento com a leitura
(INSTITUTO PRÓ-LIVRO 2007, p.

Numa sociedade marcada pela televisão, internet, jogos eletrônicos e outros meios visuais, os livros passaram a ficar em segundo plano principalmente entre as crianças e jovens (DIAS; DUTRA, 2008)

Entre o público mais jovem, existem os que lêem revistas de fofocas e as voltadas para o universo infanto-juvenil. Seria interessante saber se estas pessoas, quando indagadas, sobre os seus hábitos de leitura consideram as mesmas relevantes para uma afirmação positiva ou se apenas a leitura voltada a assuntos formais é digna de ser citada.

Outro fator muito importante ao incentivo a leitura são assinaturas de revistas e gibis infantis, desenvolvidos por profissionais preocupados em proporcionar matérias ricas em informações para crianças (FARIA, 2006)

Deve-se ter em mente que mesmo, entre algumas destas revistas é necessário ter um nível de leitura e cultural adequado para um entendimento satisfatório.

O leitor se lembra que quando criança tinha a assinatura de uma revista chamada *Nosso Amiginho*, que tratava de temas atuais e muito relevantes da época, como poluição, desmatamento, vida em sociedade etc. O conteúdo é de boa qualidade para os leitores mirins e a revista está em circulação até hoje.

Muitos entrevistados afirmam que não lêem ou não vão a bibliotecas por que

não estão estudando” o que mostra a ligação da leitura com a escola, ou com “os estudos”, na percepção das pessoas. O uso da biblioteca pública parece também feito em função da escola: sua frequência cresce (34%) nas faixas etárias de 5 a 17 anos, e tem como objetivos principais pesquisar e estudar. E com relação á frequência da leitura de diferentes tipos de livros, os didáticos e universitários, são os únicos lidos mais frequentemente (70%) que ocasionalmente (30%).

Visto que, a não ser entre os entrevistados que fizeram ou fazem estudos universitários, a leitura decresce muito entre os adultos, podemos supor que a escola não tem formado leitores para a vida inteira, talvez por práticas pouco sedutoras e obrigatórias, das quais o não estudante procura se livrar assim que ultrapassa os limites da escola. Parecem necessárias ações de promoção da leitura que a liguem verdadeiramente á vida e tornem os materiais de leitura mais próximos dos alunos. Para tanto, ultrapassar os muros da escola, visitar de forma planejada, consequente e prazerosa, ambientes onde se criam jornais, revistas e livros, conversas com os atores da cada uma das cadeias de criação e produção desses materiais, conhecer sites que dos sujeitos, sobretudo dos mais novos. Não é sem razão que os entrevistados do Rio Grande do Sul e do Pará informam comprar muitos livros em feiras: é reconhecida a importância das feiras de livros de Porto Alegre e de Belém

(INSTITUTO PRÓ-LIVRO 2007, P, 14)

A idéia da leitura atrelada à educação formal também é visível por conta da porcentagem de livros didáticos lidos

No Brasil, em 1999, o consumo per capita de livros foi de 1,8 por habitante. Esse quadro comparativo fica ainda mais dramático quando se constata que em outros países o livro didático tem peso menor no conjunto de índice de leitura, ao contrário do Brasil, onde os didáticos tem peso menor no conjunto do índice de leitura, ao contrário do Brasil, onde os livros consumidos, que se forem retirados da estatística tornam ainda mais ruinoso o índice de leitura per capita brasileiro, diminuindo-o para 1,08 livro consumido por ano.(WASSERMANN apud RAMOS et al, 2009)

As bibliotecas públicas escolares também costumam ser pouco e mal distribuídas;

[...] raras e precárias são as bibliotecas escolares. [...] Os dados estatísticos, se examinados por regiões, ou por Estados, ou por municípios, mostram que, neste caso, não há uma discriminação significativa: pode-se dizer que há uma não-distribuição equitativa de bibliotecas públicas neste país. [...] mas são poucas, são precárias, sobretudo nas escolas públicas, naquelas que atendem ás camadas populares. Não nos deixemos enganar por essas poucas bibliotecas públicas e escolares que temos: sabe-se bem o pequeno e quase

sempre desatualizado acervo que a maioria tem, sabe-se bem que funcionam mais como depósito de livros que se bem as enormes dificuldades com que lutam para sobreviver. (SOARES apud SILVA, 2006)

E mesmo durante o período escolar os resultados também não são animadores, Caldin, (2007) afirmou que no Brasil, o insucesso escolar, fartamente destacado pela imprensa, é em grande parte devido à falta de habilidade de ler da maioria do povo.

A ausência do livro e a falta de leitura literária para a criança e o jovem, têm levado o Brasil a ser apontado como um dos países que menos investe no setor educacional. Isso é comprovado pelos resultados da primeira edição da Prova Brasil/2005. Segundo o MEC, em 2005 foram avaliados 3,3 milhões de estudantes brasileiros da rede pública de educação básica, nas disciplinas de língua portuguesa e matemática. Os resultados apresentados não foram animadores. O fracasso escolar está visivelmente representado pelos índices abaixo da média divulgados pelo MEC, os quais chamam a atenção para aspectos importantes em relação à educação brasileira. (COPES, 2007)

“Um ensino de qualidade, atendendo a critérios de excelência segue-se à formação de leitores maduros com competências suficientes para caminhar livremente pelos múltiplos quadrantes do mundo da escrita”. (SILVA apud COPES, 2007)

Ou seja, estudantes com um bom nível de conhecimentos gerais. Em ler publicações de diferentes enfoques: economia, política, cultura etc. Isso são fruto de uma educação abrangente e para isso vocabulário e conseqüentemente leitura são importantíssimos.

5.2 Políticas públicas de incentivo a leitura

O Brasil não é reconhecido como um país de leitores, a quantidade de bibliotecas em suas cidades é relativamente baixa e são muitas vezes pouco procuradas; para reverter esse quadro, são necessárias políticas de incentivo à leitura por parte do governo federal. Algumas ações foram tomadas ao longo dos anos, mas de forma geral com pouco sucesso.

A ineficiência das políticas de circulação do texto impresso, a precariedade das bibliotecas escolares e públicas, a deficiência da formação de mediadores, o pouco êxito da escola no ensino da língua e a fragilidade da cidadania, sustentam a hipótese de que a fragilidade das ações voltadas para a área poderia ter origem na inexistência de uma “verdadeira” política pública para a promoção da leitura

(CUSTÓDIO apud COPES, 2007)

Os debates a respeito dessa crise vêm se estendendo desde os finais dos anos 60, intensificando-se a partir da década de 70. Desse momento em diante é que a leitura passou a ser vista como uma questão sócio-cultural, moral e, também, política.”

(COPES, 2007)

Verifica-se que está muito longe de se tirar do Brasil o estigma de “país de não-leitores”. Notam-se que as intenções manifestadas nos documentos dos programas governamentais Proler e Pró-Leitura eram importantes e boas, porém problemas como verbas insuficientes e o distanciamento entre coordenação central e agentes regionais envolvidos foram determinantes e comprometeram o pleno êxito de ambos na democratização do letramento(SOARES apud COPES, 2007)

Portanto, pode-se dizer que, por se tratar de uma política do livro do que de democratização da leitura, essa forma de intervenção do estado contribuiu para perpetuar uma situação de exclusão e precário domínio do universo cultural letrado.

É possível afirmar que a ausência de demandas sociais significativas e de políticas para a área faz com que a tendência seja continuar formulando políticas sem um planejamento futuro, segundo os valores e concepções próprios da cada administração, como de governo e não uma política de estado; “é possível afirmar que os programas de incentivo à leitura, emanados dos órgãos federais, tem sido implementados nas escolas sem visar sua eficácia”(SILVA apud COPES, 2007).

A escola priorizou a prática de conservação dos livros por não entender os objetivos do projeto e, dessa forma, inverteu o caminho dos livros: da mão dos alunos para as estantes das bibliotecas escolares. Marques apontou que apesar da boa vontade e dos altos investimentos do governo federal, os objetivos traçados por esse projeto de divulgação de livros e da leitura são sempre frustrados em sua essência formação de leitores e consolidação do hábito de leitura. (MARQUES, apud COPES 2007)

A partir dos anos 70, o governo e a sociedade civil uniram-se e criaram ações compromissadas para atender ao propósito de formação de leitores e para valorizar o livro como forma básica de conservação da identidade dos povos, da acumulação vista a mudança do Brasil em um país de cidadãos leitores, é que nos últimos 36 anos foram desenvolvidos, em nível nacional, vários programas, projetos e campanhas com o objetivo de promover e incentivar a leitura ao povo brasileiro. (COPES, 2007)

Proler

O Proler foi fundado em 13 de Maio de 1992, com o objetivo de criar novas bibliotecas e o aumento de seus acervos literários. Sua finalidade não é distribuir livros, mas coordenar, disseminar, articular, ouvir propostas, idéias para a dinamização de experiências na área da leitura, realizadas nas diversas regiões do país por iniciativas de grupos governamentais e não governamentais. O Proler tem agido como um elemento estimulador que propicia o entrosamento das pessoas envolvidas na promoção da leitura, assessorando as ações regionalizadas. Age como parceiro de diversas instituições que formam recursos humanos e busca apoios econômicos em linhas complementares a esse trabalho. Esse programa vem trabalhando com ações básicas que visam à constituição de uma sociedade leitora numa troca de experiências, através de uma rede nacional de leitura. (COPES, 2007)

Pró-Leitura

Também gerado em 1992 o pró-leitura surgiu com o objetivo de contribuir para a formação continuada dos professores na área, abordando aspectos teóricos e práticos. Esse programa visa à formação de mediadores de leitura com a perspectiva de poder melhorar e ampliar as competências dos alunos no domínio da língua padrão. Infelizmente nem o Proler nem Pró-Leitura atingiram completamente os seus objetivos devido a problemas com verbas insuficientes e distanciamentos entre a coordenação central e os agentes regionais (SOARES apud COPES, 2007)

Programa Nacional de Biblioteca nas Escolas (PNBE)

O Programa Nacional de Biblioteca na Escola foi criado em 1997 pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) em parceria com a Secretária de Educação do Distrito Federal (SEDF). Esse programa teve como característica básica formar em três anos, a partir de 1997, o acervo das bibliotecas escolares.

As ações desenvolvidas pelo PNBE eram executadas de forma centralizada, com o apoio logístico das escolas públicas, prefeituras e secretarias estaduais e municipais de

educação. Conforme o MEC o primeiro acervo adquirido pelo PNBE, em 1998, atendeu a vinte mil escolas públicas brasileiras que ofertavam ensino fundamental (1ª a 8ª séries) e que registraram matrícula igual ou superior a 500 alunos, com base no senso escolar de 1996. Nos municípios onde não existiam escolas que atendessem ao critério estabelecido, foi contemplada a escola com o maior número de estudantes. Nessa fase, de acordo com os dados oficiais, foram beneficiados 16,6 milhões de alunos com um total de 4,2 milhões de livros. O acervo foi formado de 123 títulos de obras literárias, dois globos e um *Atlas Histórico do Brasil 500 anos*.

Segundo o Ministério da Educação, foram disponibilizadas as escolas o “*guia do acervo do PNBE/1998*” material com propostas que poderiam auxiliar o professor. (COPES, 2007)

Literatura em minha casa

Criado em 2001 o projeto Literatura em Minha Casa buscava oferecer a cada aluno matriculado na 4ª e 5ª séries das escolas públicas uma coleção com 5 (cinco) livros de literatura e cada aluno matriculado nas 8ª série deveria receber uma coleção com 4 (quatro) livros. Os livros passariam a ser, segundo orientações do MEC, de propriedade particular dos educandos; portanto, esses deveriam levá-los para as suas casas e compartilhar a leitura com seus familiares (COPES 2007)

Em 2001 favoreceu 40 milhões de alunos de 4ª e 5ª séries com o acesso à leitura de livros da literatura infanto-juvenil. Em 2002, o PNBE distribuiu uma coleção composta por cinco volumes (4ª série) e quatro volumes (8ª série) com obras de gênero e autores diferenciados a cada aluno matriculado nas séries atendidas pelo projeto. O orçamento para execução, conforme o indicador do MEC foi de R\$ 44 milhões, em aquisição de livros. No total, foram 258 títulos, separados em coleções e acervos. De acordo o divulgado pelo MEC, as coleções literárias foram distribuídas aos alunos e os acervos as bibliotecas escolares (SOARES 2007).

O projeto “Literatura em Minha Casa” trata da maior compra de livros de literatura para distribuição gratuita já feita no Brasil. Com essa atitude política buscou-se superar a defasagem de investimentos na a área do incentivo a leitura e, dessa maneira, socializá-la na sociedade brasileira, pois os documentos oficiais enfatizam que ler era

um privilégio de grupos restritos e um divisor de classes. O “Literatura em Minha Casa” objetivou promover e incentivar a leitura de livros de literatura tanto pelos alunos de escolas públicas quanto pelos seus familiares. A prioridade da proposta do projeto, segundo o MEC, era transformar a qualidade da capacidade leitora do Brasil e trazer a leitura para o dia-a-dia do brasileiro. (SOARES, 2007)

Cada município uma biblioteca

“Iniciativa do Ministério da Cultura do Brasil instaurado no fim de 2007, que tem por objetivo criar pelo menos biblioteca pública para cada cidade brasileira”.
(RAMOS ET AL, 2009)

Programa nacional do livro da leitura

Visa abastecer com materiais bibliográficos as bibliotecas escolares brasileiras
(RAMOS, ET AL, 2009).

5.3 As campanhas de incentivo a leitura

Quem lê, viaja

Além de projetos de distribuição de livros para as bibliotecas escolares o governo federal criou campanhas divulgadas através da mídia que buscavam incentivar os jovens a descobrir ou redescobrir o gosto pela leitura.

Uma das campanhas era chamada “quem lê, viaja” voltada aos jovens na faixa etária dos 12 aos 18 anos, com o apoio de entidades públicas e privadas ligadas ao livro, ao ensino e à cultura. A campanha promoveu diversos eventos com as mais diversas atividades, com vistas a fortalecer o uso da palavra escrita. Através da expressão “Quem lê, viaja”, tentou seduzir a criança e o jovem para o mundo da aventura, mostrando um leitor que, ao abrir um livro, deixava-se levar como em um passe de mágica para variadas e profundas dimensões, concretas e abstratas. A leitura se apresentava como um mundo de inesgotáveis possibilidades (COPES, 2007)

Vamos fazer do Brasil um país de leitores

Esta campanha foi realizada no ano de 2001, incentivando a participação das famílias no dia-a-dia escolar dos seus filhos, sugerindo que pais, mães e responsáveis lessem para as crianças todos os dias, com intuito de desenvolver o prazeroso hábito de leitura compartilhada. Para alcançar esse objetivo, lançou a campanha Tempo de Leitura, e por meio da lei de incentivos fiscais, estimulou o patrocínio das empresas em projetos dessa natureza. Essa ação do Governo Federal pretendeu sensibilizar governos estaduais, prefeituras, empresas e a comunidade em geral. Contou com a participação de escritores e artistas no desenvolvimento das atividades oferecidas nas oficinas literárias e com a participação de pais, diretores, professores, alunos e bibliotecários, nas oficinas e na divulgação das obras lidas. (COPES, 2007)

Viva leitura

Lançada em 2005 esta campanha buscava alcançar 8,5 milhões de alunos de Educação de Jovens e Adultos, 4ª, 5ª e 8ª séries, incluindo suas famílias e amigos. A campanha nasceu da intenção do MEC, MinC, UNESCO, OEI, UNDIME e da Fundação Santilana em dar continuidade e mobilização ao pró-Leitura nas atividades empreendidas durante 2005, o Ano Ibero Americano da Leitura. Estiveram envolvidos 21 países da Europa e Américas, todos com os mesmos objetivos: homenagear iniciativas de incentivo à leitura em todo o país, estimular, fomentar e reconhecer as melhores experiências relacionadas à leitura. (COPES, 2007)

A eficiência das políticas públicas para a leitura só poderia ser medida se for contínua, uma vez que significa acesso aos bens culturais produzidos socialmente. A garantia do acesso aos livros por meio das políticas públicas permanentes levará o leitor a desenvolver estratégias de apropriação e apreensão do saber extraído dos livros e de outros suportes informacionais para refletir e compreender o mundo (COPES, 2007)

5.4 Situação sócio econômica e a leitura

De maneira geral os leitores costumam ser provenientes das camadas mais abastadas

da população, as pessoas de baixa renda costumam ter pouco contato com os livros.

Sem leitura e não dispondo de educação adequada, as pessoas mais carentes financeiramente, dispõem de poucas chances de melhorar de vida. Lembro que na minha infância, e em menor escala até hoje, meu pai sempre trazia algum material pedindo que eu lesse. Nem sempre eram livros adequados à minha faixa etária ou escolaridade, mas a intenção era boa. “Pior ainda são as bibliotecas domésticas. Os pais, quando, se interessam em comprar livros, muitas vezes os escolhem pela capa por falta de uma orientação direcionada à preferência das crianças” (FARIA, 2006)

Porém ele acertava no que diz respeito à variedade “É bom que a criança sempre tenha acesso as motivações de seus pais, suas escolhas morais e ideológicas, mas que não fique somente preso a elas” outro exemplo é o projeto “Parada Cultural” idealizado pelo açougueiro Luiz Amorim de colocar livros nas paradas de ônibus da W3 Norte, em Brasília, visando a sua leitura pelas pessoas que utilizam o transporte público por ali, a maioria delas das cidades satélites.

A ausência de uma tradição leitora vem sendo mantida pelo passar do tempo, a mais de 500 anos, por uma política cultural que se caracteriza pelas barreiras à popularização da leitura, do livro e da biblioteca, pela reprodução do analfabetismo, da evasão e da repetência escolar (MACEDO E MELLO)

SOARES (2008) afirma que este é um país de raras e precárias bibliotecas, públicas e escolares. De poucas livrarias com livros caros para uma população majoritariamente pobre.

Desde a implantação da indústria editorial no Brasil no início do século XIX, sempre houve políticas públicas voltadas para o livro, o que variou ao longo do tempo foi à forma, que transitou entre a repressão, a distribuição gratuita, e o incentivo a leitura. (BARROS apud ROSA; ODDONE 2006)

Rosa; Oddone (2006) dizem que a condição socioeconômica é fator responsável não só pela permanência do aluno na escola, mas também pelo seu desempenho, para alcançar o letramento de maneira satisfatória.

É justamente a escola que deveria orientar os alunos na busca pela educação e do ensino, entretanto não está cumprindo o seu papel.,na formação da cidadania.

Segundo Lima e Melquiade (2009), o governo continua exercendo o seu papel de aparelho ideológico reprodutor das relações sociais de dominação, para qual o surgimento de leitores críticos, capazes de tomar uma posição diante de recursos

opressores (LIMA; MELQUIADES, 2006)

Acredita-se que a leitura seja o mais importante elemento do imaginário. “Ler significa refletir, pensar, estar a favor ou contra, comentar, trocar opiniões, posicionar-se, enfim, exercer desde cedo à cidadania” (COSTA s.d.)

Sem uma formação que envolva a complexidade nas relações das crianças com a leitura, sem clareza quanto ao seu papel na formação do cidadão, ao lugar da leitura na vida social e profissional, aos vínculos profundos existentes nas práticas de leitura, cultura e sociedade, sem o conhecimento aprofundado dos materiais de leitura a serem oferecidos, é difícil imaginar uma situação efetiva na busca da mudança do quadro social atual (PERROTI apud MACEDO E MELLO s.d.).

Silva fala sobre algumas famílias que pareceram perceber isso apesar de pertencer às camadas populares, com baixo nível de escolaridade, tendo os parentes próximos concluído, no máximo, o ensino médio, e mesmo assim serem leitores assíduos. Isso se deve por influência entre os pares, ou seja, o interesse de um determinado indivíduo em ler acaba influenciado os outros. (SILVA, 2006)

Isso leva a pensar se estas famílias possuem bibliotecas públicas perto de suas casas, ou se compram os livros, e se compram que tipo de concessões não faz para comprá-los?

De acordo com Faria (2006) pode-se encontrar soluções criativas para o incentivo à leitura quando se dispõem de poucos recursos financeiros tais como: incentivarem seus filhos a lerem livros de receita, instruções de produtos de limpeza ou alimentos. Sousa, Cavalcanti e Bernanrdino dizem que se dentro da família não ocorrer este incentivo, cabe à escola e à biblioteca cumprir essa função de despertar o gosto pelo hábito de leitura.

Segundo Fragoso (2005), a leitura é vital para a melhoria das condições de vida nas quais venham surgir pessoas esclarecidas para a superação das tristes condições do terceiro mundo, pela eliminação dos fatores desintegradores do povo, como a fome, a miséria, e o analfabetismo.

De acordo com Faria (2006) 'o exercício da democracia é incompatível com o analfabetismo dos cidadãos. Então, para atingirmos a democracia, precisamos aumentar o número de leitores plenos e não apenas de leitores funcionais”.

Chartier conforme citado por Copes (2007) afirma que diferenças sociais não podem ser pensadas em termos de fortuna ou dignidade, mas que são produzidas ou traduzidas

pelos distanciamentos culturais. “O autor se lembra de uma metáfora contada por um professor que falava a respeito de como o conhecimento pode trazer angústia. A metáfora, que parece ter sido inspirada no mito da caverna, falava sobre um homem que vivia de recolher objetos em um aterro sanitário e que apesar disso parecia ser feliz; isso porque para aquele homem o mundo inteiro se resumia ao aterro. O sofrimento só viria através da descoberta da desigualdade, mas essa descoberta também poderia ser acompanhada por uma busca para mudá-la. Esta busca, fora da metáfora, estaria associada á educação e obviamente á leitura.

“O homem só será capaz de transformar a realidade da sociedade em que vive se descobrir que ela é modificável e que ele é capaz de modificá-la.

(FREIRE).

“Quanto mais consciência o sujeito tiver deste processo, mais independente será sua leitura, já que não tomará, o que se afirma no texto, que lê como verdade ou criação original, mas sim como um produto (BRITO apud COPES, 2007).

De fato o sujeito tem que entender, que todo o texto é escrito visando determinados interesses seja econômicos, políticos etc. Por isso não pode partir do princípio que o que está escrito no texto é a verdade absoluta; é preciso checar as fontes, pois como diz o refrão “o papel aceita tudo”.

Perroti conforme citado por Copes (2007) diz que é “importante garantir uma boa formação ao leitor, além do acesso à diversidade de materiais de leitura”. Esta afirmação corrobora o que foi dito anteriormente, pois a diversidade de fontes é importante na medida em que permite que o leitor entre em contato com diferentes pontos de vista, e com isso possa analisá-los criticamente formando uma opinião melhor embasada. O campo da leitura deve estar sempre vinculado a liberdade intelectual.

Sendo assim, cabe a escola a função essencial de ampliar o domínio dos níveis da leitura e orientar a escolha de textos que criem possibilidades da criança e do jovem explorarem dimensões não usuais do imaginário coletivo e pessoal (COPES 2007) Copes (2007) volta a ressaltar isso quando diz que “O leitor enquanto ser histórico constrói os sentidos daquilo que lê. Desse modo, o conhecimento só pode ser construído se o sujeito dispuser de informações de diversos graus de complexidade (BRITO apud COPES, 2007)

De fato sem uma educação adequada não existe um futuro promissor, quando muito a possibilidade de se formar uma republiqueta de bananas.

Kano afirma isso “Nada sob o céu é mais importante que a educação. Os ensinamentos de uma pessoa virtuosa podem influenciar uma multidão; aquilo que foi bem apreendido por uma geração pode ser transmitida a outras cem” (Kano apud SILVA, 2007).

Formar uma concepção de mundo é ser capaz de compreender o que nos chega por meio da leitura, analisando e posicionando-se de maneira crítica frente às informações colhidas, o que se mostra como uma das qualidades que permitem exercer de forma mais abrangente e complexa, a própria cidadania (VILLARDI, apud QUINHÕESs.d.).

Nas sociedades atuais, urbanas burocratizadas, escolarizadas e marcadas fortemente pela comunicação social, são impostas exigências aos indivíduos para que possam superar algumas das desigualdades sociais. Entre essas exigências, dá-se a importância à leitura e à formação de leitores críticos. (COPES, 2007)

“A leitura não deverá ser apenas a conquista de uma habilidade técnica necessária ao mercado de trabalho, mas uma aposta na possibilidade de ser do sujeito, de sua inserção social” (BRITO apud COPES, 2007).

Segundo Mendonça (2008) “o certo é que a criação de novos leitores é urgente até mesmo para a sobrevivência da nação.”

“Entretanto quando se tem dificuldades para suprir as necessidades mais básicas, o livro e conseqüentemente a leitura, acabam ficando em segundo plano”. (COPES, 2007)

Num país onde a distribuição de renda é desigual, a maioria das pessoas vive com salário mínimo, à margem da sociedade, em extrema pobreza, sendo o livro, sem dúvida alguma, um bem de última necessidade. De fato as pessoas das camadas mais baixas tendem a ver a educação como algo ligado às camadas mais altas, ligadas aos “príncipes”.

Em um país como o Brasil, que apresenta um alto índice de pobreza, o livro, meio de transmissão da cultura e do saber, perde a sua importância, deixa de ser o suporte cultural da humanidade e passa a ser um bem que pode ser trocado, vendido e até usado como um substituto de outro bem necessário: a sobrevivência (COPES, 2007).

Quanto a isso, vale lembrar os casos lamentáveis dos livros que estão sendo roubados das paradas culturais para serem vendidos nos sebos. Quantas pessoas não podem ter sido prejudicadas com esta atitude, que as pode ter impedido de ter achado o livro certo na hora certa? ¹

¹Informação encontrada em um cartaz afixado na parada de ônibus da 407 norte no Plano Piloto em Brasília.

Ainda que estejamos na era do conhecimento, não raro vemos equívocos que poderiam ter sido evitados se uma informação correta estivesse ao alcance da pessoa certa (BLANK, 2009).

Na sociedade em que vivemos, a leitura de qualidade é fundamental para a propagação cultural dos sujeitos em crescimento, é possuir através deste percurso, sabedoria, criticidade, ousadia, domínio, consciência, e determinação para a construção de caminhos futuros. (SOUZA, CAVALCANTE, BERNARDINO s.d.)

Algumas características dos alunos brasileiros ajudam a entender o problema. Os estudantes de desempenho “muito crítico”, em sua maioria, 76% estão matriculados no ensino noturno 96% em escolas públicas, 48% conciliam trabalho e estudo e 84% têm idade acima da considerada ideal para a série. São filhos de mães com baixa escolaridade. O perfil dos estudantes com desempenho “adequado” é quase o oposto. A maioria, 76% estuda na rede privada de ensino, 89% frequentam aulas no período diurno, 87% somente estudam e 84% não apresentam distorção idade/série. São filhos de mães de maior escolaridade: 80% delas têm, no mínimo, o ensino médio. O ensino é mais ineficaz justamente para os estudantes mais carentes. (BLATTMANN; CIPRIANO s.d p.1)

5.5 O analfabetismo funcional

O conceito sobre o analfabetismo variou ao longo do tempo no Brasil. Algumas décadas atrás era considerado analfabeto quem não conseguia escrever o próprio nome. Atualmente o conceito é mais abrangente e para ser considerado alfabetizado o indivíduo necessita saber ler de forma plena, ou seja, conseguir ler as sílabas e principalmente interpretar os seus significados. Por conta desta necessidade foi criado o termo analfabetismo funcional para as pessoas que apesar de serem capazes de ler sílabas não conseguem interpretar o sentido.

A leitura produtiva depende dos processos ascendentes e descendentes. O processo ascendente diz respeito à decodificação de textos, enquanto que o processamento descendente envolve os conhecimentos prévios que o leitor aciona ao ler um texto relacionando-os a este, à sua vivência de mundo, que corresponde as suas experiências que são muito importantes para a compreensão. É preciso que ambos sejam simultâneos, pois a leitura envolve processos perceptivos e cognitivos.

(LIMA; MELQUIADES, 2009)

De acordo com (LOPES), pode-se então concluir que os analfabetos funcionais conseguem realizar o processo ascendente, pois conseguem fazer a decodificação dos textos, ou seja, conseguem ler as palavras. Porém falham na segunda etapa da leitura, no processo descendente, pois certamente eles possuem um repertório pessoal de experiências; contudo não conseguem fazer a ligação entre os dois fatores.

Durante o percurso da alfabetização, a criança percorre vários degraus para decifrar, ler e, finalmente, escrever e, para que se inicie o processo de formação de leitores críticos é preciso conduzir o aluno a especular sobre a utilidade da escrita e sua organização interna e externa, o que o ajudará a desenvolver o seu senso crítico, que é muito importante para uma prática de leitura produtiva, necessária para se avançar da simples alfabetização para o letramento, o que muito pouco ocorre durante o processo de alfabetização realizada com base nas cartilhas. No que diz respeito à relação entre a leitura e a produção de textos, sabe-se que a capacidade de leitura compreensiva é fundamental para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da competência textual, de maneira que é preciso se ter uma ampla leitura de mundo para a construção de enunciados coerentes e bem articulada. (Lima; MELQUIADES , 2009)

“O papel principal da leitura não é ler para aprender a ler, mas ler para saber o que diz o texto a partir de algum propósito definido” (FERRAZ, 2008)

Segundo Copes (2007) “grande parte das crianças brasileiras, que já foram alfabetizadas, não consegue compreender textos básicos, isto é, são analfabetos funcionais”. Vale lembrar sobre os casos já divulgados na imprensa,² de crianças que quando solicitadas a responder determinadas questões discursivas de assuntos de História do Brasil, por exemplo, respondiam assinando o próprio nome ou simplesmente noticiado, até mesmo alguns estudantes de ensino médio.

É possível afirmar que a prática da leitura é privilégio de poucos, tornando-se um problema social. Pesquisas apontam, como já foi explicitado anteriormente, que mais de 50% da população brasileira encontram dificuldades para entender o que lêem e de expressar seus pensamentos de maneira coerente pela escrita (COPEs, 2007)

Isso significa que mais da metade da população tem a sua vida pessoal e profissional consideravelmente prejudicada, desde realizar um trabalho de escritório até ler ou escrever uma receita de bolo.

²Informação divulgada no programa fantástico da Emissora Rede Globo.

Não saber ler tem implicações mais diretas na vida das pessoas, pois para realizar as tarefas mais básicas do cotidiano (ir a um supermercado, procurar um telefone, fazer uma receita de bolo, etc) é necessária a utilização da leitura (FARIA, 2006)

COPEES (2007) p ? “Não ler traz prejuízos que vão desde o desenvolvimento pessoal e profissional até o alargamento das desigualdades sociais, pois a leitura é um processo que está atrelado á educação de indivíduos”

Esta situação se reflete no desenvolvimento econômico do país, pois sem uma capacidade de leitura adequada não se consegue formar mão de obra qualificada. Como formar bacharéis ou mesmo técnicos que não sejam competentes na leitura ?

“Os professores universitários, inclusive os de língua e literatura, se eximem da tarefa de lidar com o ensino da leitura, promovendo uma espécie de adiamento ás avessas, do problema, ou seja, procrastina-se a responsabilidade” (ROSA:ODDONE , 2006 p ?)

Ainda segundo Copes (2007) há muito tempo, considera-se a capacidade de ler essencial a realização pessoal e, cada vez mais, é aceita a premissa de que o progresso social e na economia de um país depende muito do acesso que o povo tem aos conhecimentos indispensáveis transmitidas pela palavra impressa. Na sociedade contemporânea, a leitura é valorizada como estratégia fundamental para o homem compreender, de forma crítica, os seus anseios e a realidade cotidiana em que está inserido.

Levando em conta o número de analfabetos funcionais existentes no Brasil e de leitores que, devido ao baixo poder aquisitivo, relutam em comprar livros, pode-se dizer que a fisionomia do público leitor brasileiro, seja quantitativa ou qualitativamente, pouco se modificou, se não tiver piorado (SILVA apud MENDONÇA, 2008).

Isso significa que a população não apenas está lendo menos como, quando lê, acaba se deparando com literatura de qualidade duvidosa. Apesar de que, talvez, seja melhor este tipo de literatura que nenhuma.

Em um primeiro momento principalmente no que diz respeito aos leitores mais, jovens mesmo essa literatura pouco trabalhada pode ser útil, principalmente no ambiente escolar servindo como um gancho para atrair os leitores para textos mais elaborados.

Conforme Chartier, se best-sellers são fruto do processo de industrialização e efeito da ação capitalista sobre a cultura, é necessário também se considerar que este tipo de literatura é amplamente consumido por conta da sua capacidade de prender a atenção e

estimular o leitor consumidor (PAZ apud SILVA, 2006).

5.6 A biblioteca escolar e a ciência da informação

O século XX presenciou a mudança paradigmática da sociedade industrial para a sociedade da Informação e do Conhecimento. Na sociedade da informação e do conhecimento, este bom uso da informação pode auxiliar o indivíduo em sua mobilidade social para uma posição melhor dentro da sociedade. A informação adquiriu um valor estratégico e competitivo. A falta dela paralisa os indivíduos e as organizações, interferindo na capacidade de competição e na geração de riquezas.

Segundo Miranda (2004), a sociedade está inserida em um contexto onde a informação e o conhecimento tornaram-se fatores integrantes da produção. Mas para Takahashi,

A sociedade da informação não é um modismo. Representa uma profunda mudança na organização da sociedade e da economia, havendo quem a considere um novo paradigma técnico-econômico. É um fenômeno global com elevado potencial transformador das atividades sociais e econômicas, uma vez que a estrutura e a dinâmica dessas atividades inevitavelmente serão, em alguma medida, afetadas pela infra-estrutura de informação disponíveis.
(TAKAHASHI, 2000 p.5)

Tendo a informação um poder de transformação social, fator fundamental para o desenvolvimento científico e tecnológico, tanto para o indivíduo quanto para a sociedade, os centros de documentação e informação, e especialmente, a biblioteca, tem a responsabilidade de garantir o acesso ao saber neles contido, não podendo manter o aspecto medieval de outrora em que se preocupava apenas em preservar o conhecimento em seu interior, divulgando-o para poucos.

De acordo com Mata e Silva (2008) p ? “A competência informacional é um dos meios norteadores para habilitar os indivíduos a usarem a informação”

Para ser considerada competente em informação, uma pessoa deve ter habilidade para perceber quando a informação é necessária e ter a capacidade para localizar, avaliar e suprir efetivamente a necessidade de informação. Para que o indivíduo adquira essas competências será necessário que escolas e faculdades compreendam e integrem o

conceito de *information literacy* (competência em informação) nos seus programas de aprendizagem, que elas o ensinem a aprender e assim tirar vantagem das oportunidades inerentes á sociedade da informação. (ROSA;ODDONE, 2006)

Transformar o Brasil em um país de leitores não é tarefa fácil, sobretudo no contexto da sociedade da informação, no qual novos suportes informacionais direcionam as políticas não apenas para as práticas leitoras e para alfabetização cidadã, mas principalmente para o uso adequado das novas tecnologias, muitas vezes distantes da formação do leitor e apenas instrumentalizadoras de habilidades primárias que tem como finalidade incluir o cidadão nessa sociedade.(ROSA;ODDONE, 2006)

A intervenção que a escola deve assumir no desenvolvimento de novas competências implica necessariamente outra preocupação que é exatamente o conceito de aprendizagem ao longo da vida. (CANÁRIO; CALIXTO apud DIAS, 2007)

Na sociedade da informação, os indivíduos precisam ser competentes em informação e, para isso, necessitam de instruções para entender o universo informacional e avaliá-lo de maneira crítica.

Os indivíduos para conseguirem usufruir das novas tecnologias que chegam a todas as áreas do conhecimento, de maneira rápida, necessitam de uma consciência crítica e reflexiva que pode ser alcançada, entre outras formas, por meio de uma educação de qualidade (QUINHÕES s.d.).

As bibliotecas escolares e os bibliotecários precisam posicionar-se na sociedade da informação, oferecendo as diversas fontes de informação para os educandos e habilitando-os na sua utilização. Os membros da equipe da escola precisam estar atentos aos processos de ensino-aprendizagem para contribuir com a formação de cidadãos capazes de pensar de forma crítica para o convívio escolar e social. Para descobrir oportunidades para a melhoria de vida pessoal e social, acarretando em mudanças na comunidade em que vive. Além de discutir, conceitualmente, a questão da competência informacional, já é tempo dos bibliotecários e professores partirem para trabalhos de aplicação e avaliação, a fim de que esta proposta seja de fato aperfeiçoada, pois a nosso ver ela tem muito a contribuir para autonomia informacional dos usuários (MATA; SILVA, 2008)

No mundo globalizado atual há um excesso descontrolado de informações de todos os tipos. Algumas são informativas, outras são superficiais, fragmentadas; e por conta disso, professores e alunos, devem ser hábeis o suficiente para conseguir lidar com elas de forma satisfatória. Neste contexto, é importante que as bibliotecas escolares exerçam

sua função, quanto ao incentivo à leitura e à pesquisa, favorecendo o desenvolvimento de crianças integradas nessa sociedade globalizada (HILLSSHEIM, 2003). A biblioteca escolar pode ser um laboratório para a aprendizagem dos conceitos de organização e recuperação da informação.

O desenvolvimento de projetos de competência informacional na comunidade escolar, por intermédio da biblioteca, promove ao aluno a oportunidade de ser formado como um usuário da informação em passos gradativos para buscar, entender, organizar, interpretar, avaliar, utilizar e comunicar a informação. Não significa que seja apenas um processo de aquisição somente de habilidades formais de busca em catálogos e ferramentas eletrônicas, mas que sirva para o desenvolvimento do espírito crítico e criativo do estudante no decorrer da vida (MACEDO apud MATA; SILVAs.d.).

A escola não pode ignorar a televisão, CD-ROM, internet, pois estas ferramentas vieram pra ficar na sociedade da informação. Porém sem uma capacidade de leitura adequada, estas ferramentas não terão utilidade. Seria impossível pensar que o surgimento das técnicas modernas poderiam trazer o fim da leitura. Na verdade ocorrerá justamente o contrário (FARIA, 2006). De fato, atualmente, muitas crianças antes de começarem os estudos no ensino fundamental já tem acesso a essas ferramentas. Mas isso não significa uma orientação especial na escola, naturalmente, com a ajuda da escola e do bibliotecário escolar.

Muitos alunos fazem suas pesquisas em qualquer site de busca, eles desconhecem as bases de dados ou sites adequados. Além disso, costumam apenas copiar trechos sem saber sintetizá-los e sem fazer a referência bibliográfica adequada.

O uso de sites e bases de dados específicos poderia ser ensinado pelo bibliotecário; contudo tendo sempre em mente que o estudante só será capaz de sintetizar as informações que encontrar e fazer bom uso das ferramentas tecnológicas se possuírem uma boa capacidade de leitura e interpretação.

A tecnologia faz parte do cotidiano de muitos estudantes, mas está longe de ser utilizada para ampliar o conhecimento, mediante o acesso à fontes confiáveis.

5.7 Breve histórico da biblioteca escolar

No que diz respeito à biblioteca escolar

desde que o homem passou a registrar o conhecimento ela existiu, colecionando e ordenando tabuinhas de argila, papiros, pergaminhos e papéis impressos. Está presente na história e nas tradições, destacando-se em Alexandria, nos tempos de Cristo proliferando nos interiores dos mosteiros medievais como repositório do saber humano. Foi peça importante no projeto luso de colonização por meio de catequese. Por fazer parte de um universo reconhecido por vastas áreas da população como “culto”, tornou-se necessária – ou quase – menos para abastecer a coletividade de informações e mais para identificá-la com padrões superiores de comportamento.
(LOPES; SILVA, 2008)

A biblioteca escolar surgiu durante a Antiguidade, porém naquele período a educação como um direito de todos e como um dever que deveria ser exercido pelo Estado só viria a surgir muitos séculos mais tarde.

Para que possamos melhor entender esse tipo específico de organização, Velho et al. (2002/2003), nos oferecem um breve histórico das Bes, iniciando-se na precursora: a Biblioteca Escolar de Aristóteles (por volta de 540 a.C) (*sic*), segundo esses autores, essa biblioteca teria “mudado a própria história da humanidade”, uma vez que teria auxiliado Demétrio de Farel e Ptolomeu a fundarem o Museu e a biblioteca de Alexandria. Já nos idos de 1004, na “civilização árabe”, por iniciativa do califa Al Hakim, Velho et al., afirmam que havia pelo menos uma biblioteca em cada cidade possuindo acervo aberto para estudantes e Professores. Na “alta idade média” estendendo até cerca do século X, as BEs estavam vinculadas á “mosteiros e conventos sob a responsabilidade de erudito que também, geralmente se dedicavam á prática do ensino. A partir do século XII, com a criação das universidades, foi marcada uma nova projeção as BEs (RAMOS et al, s.d p.1)

5.8 A missão e as funções da biblioteca escolar

Fragoso faz dois tipos de definição para as escolas: uma é a definição da escola ideal e a outra é a definição da escola real a saber:

A escola ideal :

Espaço consolidado na escola, a biblioteca identifica-se como centro ativo de aprendizagem, amplamente integrada ao processo pedagógico, não necessitando ser adjetivada como escolar. Funcionando em local planejado para esse fim, com acervo definido através de política de seleção e aquisição, com a qual a comunidade escolar é contemplada em suas necessidades de leitura e informação, tem como prioridade projetos de leitura estabelecidos por ações de incentivo, integradas com o quadro pedagógico.
(FRAGOSO, 2005 p. ?)

A escola real:

Mas o que se percebe é que a instituição escola ainda se distancia da teoria estabelecida por legislações e conceitos acadêmicos. Na escola real, as legislações e teorias, muitas vezes, são distorcidas e chegam a transformar-se numa espécie de shopping cultural. Tem de tudo nessa nova escola do consumo do lazer à violência. A interação da escola na comunidade é vivida de maneira inadequada, e os portões das escolas são abertos não para projetos integrados entre a comunidade e a escola, mas muitas vezes apenas para gerar recursos financeiros para sua manutenção (FRAGOSO, 2005 p ?)

A concepção da biblioteca escolar para muitas pessoas é qualquer quantidade de livros, não importando o assunto, uso e atualização e que são razoavelmente organizados em uma salinha, situados geralmente na pior área física da escola. Porém é necessário mudar esta concepção, é preciso uma conscientização do real conceito e função da biblioteca escolar. (HILLESCHHEIN :FACHIN, 1999)

O autor se lembra das três escolas em que estudou. Em duas, as bibliotecas localizavam-se em áreas periféricas. Muitos livros já eram antigos e desatualizados e, em uma delas de ensino médio, havia livros que não tratavam de assuntos referentes ao currículo, como livros de psicologia que provavelmente seriam mais bem aproveitados em outro local.

A biblioteca escolar é um instrumento de desenvolvimento do currículo e permite a realização da leitura e a formação de uma atividade científica; constitui um elemento que guia o aluno para a aprendizagem permanente, estimula a criatividade, a comunicação, facilita a recreação, e auxilia os professores em seu trabalho em sala de aula (MAYRINK apud HILLESCHHEIN e FACHIN, 1999, p.3)

A biblioteca escolar tem como missão propiciar informação e idéias fundamentais para o sucesso de uma sociedade baseada na informação e no conhecimento, habilitando os seus usuários para uma aprendizagem ao longo da vida preparando-os para viver como cidadãos responsáveis e hábeis (FEIJÓ, s.d)

Na teoria, a biblioteca escolar deveria ser um espaço de informação, discussão de idéias e criação, mas, infelizmente não é isso que está acontecendo, a realidade de fato é outra, vemos que quando existem nas escolas esses espaços denominados bibliotecas, estas não passam na maioria dos casos de verdadeiros depósitos de livros, e de outros materiais que não deveriam estar lá; outras vezes a biblioteca funciona em horários

breves e irregulares; há situações ainda em que o espaço da biblioteca escolar é utilizado não como lugar de estudo ou de leitura, mas de punição. Na melhor das hipóteses ou na menos pior, a biblioteca é o espaço onde os alunos vão copiar trechos dos livros”precipitados” pelos professores. (FEIJÓ, s.d.)

A biblioteca escolar é na maioria das vezes a primeira e única biblioteca conhecida por grande parte das crianças das camadas populares. Levando em consideração este fato, ela necessita ser ativada visando atrair além dos professores, os pais, os alunos, enfim toda a comunidade vinculada à escola (PACHECO, 2009)

“A biblioteca é uma das forças educativas mais poderosas de que dispõem estudantes, professores e pesquisadores. O aluno deve investigar, a biblioteca é centro de investigação tanto como o é um laboratório para os cientistas” (KIESER; FACHIN, DATA, s.d)

A biblioteca escolar é um tipo de biblioteca onde costumam ocorrer à maioria dos contatos das crianças com os livros. É um ambiente propício para o desenvolvimento do hábito de leitura, para o treino de pesquisas e para a interação apropriada entre bibliotecário e o leitor.

Os objetivos da biblioteca escolar são:

- ampliar conhecimentos, vistos ser uma fonte cultural;
- colocar á disposição dos alunos um ambiente que favoreça a formação e desenvolvimento de hábitos de leitura e pesquisa;
- oferecer aos professores o material necessário á implementação de seus trabalhos e ao enriquecimento de seus currículos escolares;
- colaborar no processo educativo, oferecendo modalidades de recursos, quando a complementação do ensino-aprendizagem, dentro dos princípios exigidos pela moderna pedagogia;
- proporcionar aos professores e alunos condições de constante atualização de conhecimentos em todas as áreas do saber;
- conscientizar os alunos de que a biblioteca é uma fonte segura e atualizada de informações;
- estimular nos alunos o hábito de frequência a outras bibliotecas em busca de informação e/ou lazer;
- integrar-se com outras bibliotecas, proporcionando: intercâmbio culturais, recreativos e de informações. (AMATO e GARCIA apud SALGADO e BECKER)

A ampliação de conhecimentos, o material necessário aos professores, e a colaboração no processo educativo estão particularmente interligados visto à necessidade da ação conjunta da biblioteca por intermédio do bibliotecário escolar com o professor. Auxiliando-o em atividades de promoção à leitura na biblioteca através de

uma literatura visando à educação ou entretenimento, ou o que é melhor, a educação através do entretenimento, segundo Ribeiro, a biblioteca escolar possui as funções educativas e culturais .

A primeira auxilia a ação do aluno e do professor e, a segunda é complementar a educação formal, oferecendo possibilidades de leitura, colaborando para que os alunos ampliem os conhecimentos e as idéias acerca do mundo, além incentivar o gosto pela leitura na comunidade escolar (RIBEIRO apud GARCEZ, 2007)

Uma biblioteca escolar que visa à integração de alunos, professores e informação para facilitar o processo ensino aprendizagem, deve ter:

- horário adequado e flexível aos usuários;
 - seleção adequada do acervo aos usuários;
 - organização e estruturas definidas;
 - acesso livre, com empréstimo domiciliar;
 - políticas desenvolvidas entre bibliotecário e outros profissionais da escola para incentivar a leitura;
 - conhecimento dos motivos que levam o aluno á biblioteca;
 - investimento na atualização do acervo e torná-lo cada vez mais adequado á clientela escolar;
 - investimento na constante atualização do profissional habilitado;
- atividades de integração entre professores e bibliotecários. (KIESER e FACHIN, s.d.)

No que diz respeito à atualização do acervo, sabe-se que grande parte das bibliotecas brasileiras muitas vezes conta com acervo desatualizado; quanto aos conhecimentos dos motivos que fazem o aluno frequentá-la, tem-se um trabalho de estudos de usuários, que poderia ser mais bem executado por um bibliotecário de fato e não por um professor em desvio de função, apesar de toda boa vontade que este possa apresentar.

Ely (2003) diz que a biblioteca constitui-se de um recurso primordial de que dispõe a escola para inteirar o processo educacional. Se for bem dirigida, possuir acervos adequados e serviços dinâmicos, deverá ser um lugar atraente que os usuários gostarão de utilizar no seu cotidiano escolar, tornando a biblioteca participante do fazer educativo. Segundo Ely “parece não ser necessário afirmar a importância da biblioteca em qualquer nível de ensino, e particularmente, no ensino de 1 (sic) fundamental. Revela-se o compromisso da biblioteca escolar com a educação de seus usuários” (Ely, 2002 p.1)

Suas funções técnicas correspondem aos serviços de referência, o serviço de empréstimo a domicílio, o empréstimo para as salas de aula a consulta local, e também para a promoção de eventos culturais que tenham como base o hábito da leitura tais como sarau, horas do conto, etc. Também faz parte de suas funções, incutir comportamentos adequados nos alunos tais como: a manutenção do patrimônio público, o respeito as normas e a capacidade de utilizar os recursos informacionais disponíveis adequadamente. No que diz respeito às normas, é triste constatar que alguns alunos chegam até a fase adulta mantendo hábitos lamentáveis como rasgar a página de um livro que lhe interesse e levando-a pra casa ou simplesmente rabiscando páginas de livro por puro vandalismo.

Se o livro não é meu, se pertence a uma biblioteca, deve-se ter mais respeito, levando em conta que seu conteúdo poderá ser vivenciado por infinitos leitores (FARIA, 2006).

Contudo as idéias de comportamento adequadas não envolvem se portar na biblioteca como se estivesse dentro de um templo. Encarar a biblioteca como um local onde deve haver um silêncio quase absoluto prejudica a familiarização do aluno com a leitura.

A imposição do silêncio acaba por completar o quadro de causas que afugentam os leitores das bibliotecas escolares. A área destinada ao estudo deve ser silenciosa, mas a área relativa à consulta nas estantes deve contemplar a possibilidade do diálogo, da conversa, da troca de turnos e vozes (BASTOS; ALMEIDA; ROMÃOs.d.)

Perroti complementa afirmando que as bibliotecas ao invés de serem espaços convidativos, atraentes e interessantes afugentam os alunos com sua sisudez, sua seriedade, seus códigos obsoletos, geradores de imagens negativas da leitura.

Estas normas estariam incutindo o medo e o desconforto no aluno, associando a leitura a estímulos negativos.(PERROTI, apud BASTOS, ALMEIDA e ROMÃO s.d.)

Isto pode levar os alunos a evitar frequentarem à biblioteca ou passarem a diminuir o seu interesse por ela com o passar das séries.

Segundo uma entrevista com uma responsável de uma biblioteca de ensino fundamental, constatou-se que as séries iniciais frequentavam mais a biblioteca do que as turmas das séries finais e que esse desinteresse iria aumentando à medida que os alunos iam avançando as séries. (RAMOS et al, 2009)

Seu acervo precisa ser variado e atualizado compondo-se de livros, jornais, revistas, recortes, folhetos, gravuras, jogos, transparências, vídeos, CDs, filmes e mapas.

Para Ely (2003, p.1) “a utilização de informações atualizadas na biblioteca escolar é

imprescindível. Assim sendo, o seu acervo deve possuir recursos informacionais que apresentem esta característica”

Apesar de este ser o cenário ideal muitas escolas no Brasil não possuem biblioteca, e mesmo as que possuem, grande parte contam com um acervo desatualizado ou incompleto. Segundo Silva, este estado de abandono em que a biblioteca escolar se encontra, é reflexo da falta de medidas governamentais e de um total desconhecimento de sua função como espaço de dinamização da leitura, elemento primordial para a constituição da subjetividade (SILVA, 2009)

Levando em conta a importância de uma biblioteca para o desenvolvimento cultural de um povo, a inexistência de bibliotecas nas escolas e na comunidade ou, sua existência precária, fere os direitos dos cidadãos de se formarem leitores, terem acesso às informações e ao patrimônio da cultura humana e desenvolverem competências para a aprendizagem ao longo da vida e para a vida de trabalho (REAME, 2009) complementa afirmando “A biblioteca escolar é o patinho feio do sistema educacional brasileiro. Na sua avaliação houve uma “explosão educacional” no país, que não foi acompanhada pelo hábito de leitura e nem na melhoria das bibliotecas escolares. As bibliotecas deveriam ser a “âncora institucional do processo” (REAME, apud DE FIORE, 2009)

A biblioteca escolar precisa contar com estantes, mesas, cadeiras, escrivaninhas, armários, arquivos, mapoteca, computador, televisão, e um quadro de avisos. Deve também possuir um horário de funcionamento paralelo ao da escola.

Deve funcionar como suporte para a realização das atividades do currículo escolar e também deve contribuir para o desenvolvimento do hábito de leitura e no prazer de ler entre outras competências acadêmicas “A biblioteca escolar é o ponto de partida, o marco inicial da vida acadêmica do indivíduo, e, sendo assim, é o que ele adquirir e aprender nessa fase, que o fará lembrar e o alimentará, culturalmente, em toda a sua vida adulta” (BERNARDINE e BARROS, 2009).

5.9 A divulgação da biblioteca escolar

Apesar de ser necessária a prática da disciplina e da ordem na biblioteca escolar, determinados exageros devem ser evitados, Segundo Bastos ,a imposição, do silêncio

afugenta os leitores das bibliotecas escolares. A área destinada ao estudo deve ser silenciosa, mas a área relativa à consulta nas estantes deve possibilitar o diálogo.

Perroti, conforme citado por Bastos, Almeida e Romão complementa afirmando que as bibliotecas escolares afugentam o público infantil com sua sisudez e seus códigos ultrapassados gerando uma ação contraproducente ao hábito da leitura.

E no que diz respeito à educação de uma forma geral, Pennac conforme citado por Caldin, afirma que parece determinado para todo o sempre que o prazer não deve figurar nos programas escolares e que o conhecimento só pode ser adquirido através de um sofrimento bem comportado.

Há dois tipos de bibliotecas, as vivas e as mortas. Vamos desenvolver as primeiras, sem manter cadáveres ou seres agonizantes, que embarçam ou perturbam os vivos. Só as primeiras são úteis. São reconhecidas por um sinal: os clientes numerosos e fiéis. Já se foi o tempo ou deveria ter ido das bibliotecas desertas, fechadas ou semi-entreadertas; dos bibliotecários guardiães (sic) de um palácio morto e vazio, bibliotecários de óculos e barrete, que vêem o cliente, isto é, o leitor, como um inimigo-esse caipira, esse mendigo, esse importuno que vem aborrecer, interromper o descanso ou o trabalho pessoal. Chegou o tempo das bibliotecas que servem o público, bem supridas, total mente abertas, durante todas as horas do dia e da noite [...] com bibliotecários ativos, amáveis, que sabem e querem receber os leitores [...]. Servir, ser, útil de uma forma muito prática, eis o que devemos buscar, se não quisermos ser rejeitados com desprezo por uma sociedade cuja lei é o utilitarismo (MAZEROLLI apud SILVA, 2006 p. 73)

Pimentel (2007) lista uma série de fatores que podem ajudar a dinamizar a biblioteca escolar:

- O calendário cultural;
- o perfil cultural da comunidade escolar;
- a quantidade do evento e sua relação com a leitura;
- o tempo de duração que não poderá ser extenso e deverá obedecer a um cronograma preestabelecido para não prejudicar o bom funcionamento da biblioteca;
- o horário adequado à atividade;
- a frequência ou a repetição de apresentação de uma mesma atividade;
- os recursos para a realização do evento, desde mesas, cadeiras, microfone, TV, vídeo etc.;

- a divulgação.

Quanto aos recursos para a realização do evento eles costumam ser escassos, pelo menos nas bibliotecas escolares públicas; quanto à frequência os eventos costumam ser raros; o autor se lembra deles terem ocorrido em apenas uma das escolas em que estudou. Porém eles falhavam no que diz respeito à qualidade e sua relação com a leitura.

E Feijó também fala a esse respeito. “ Podemos trabalhar com cursos de extensão, oficinas literárias e de literatura, hora do conto, sarau literário, exposições artísticas, apresentações teatrais, músicas e demais eventos. Essas atividades fazem parte da dinamização da biblioteca”(FEIJÓ,s.d p.1)

Numa biblioteca escolar é muito importante o trabalho de divulgação ou marketing, cujo objetivo é o de combinar a capacidade do serviço com as necessidades dos usuários, de forma a gerar uma ação satisfatória e retorno em termos de ganho e troca de valores com a comunidade da escola. A divulgação do que a biblioteca representa e serviços que oferece é parte de um processo que vai determinar o interesse da instituição naquele ambiente.(BERNARDINI e BARROS, 2009)

O marketing da biblioteca e, porque não da própria profissão do bibliotecário, deve considerar outros fatores. Este profissional, muitas vezes apresenta-se com uma baixa auto estima pela falta de reconhecimento do seu trabalho e por pertencer a uma função meio e não fim.

“De acordo com Pacheco quando as pessoas em geral, vivenciam, participam e passam a conhecer o desenrolar do trabalho de outra pessoa, começam a valorizar e respeitar o mesmo” (PACHECO, 2009 p. 486).

Nessa área podemos citar alguns exemplos práticos usados para a divulgação da biblioteca escolar:boletim informativo, que atualmente está sendo elaborado via internet, ou seja, nos locais, dentro da escola, onde haja acesso por parte do cliente interno, e via e-mail, para os professores e orientadores: divulgação das novas aquisições por meio do boletim intranet e também pela exposição de cópias das capas dos livros recém adquiridos; lista dos títulos novos, em forma de referência bibliográfica, encaminhadas aos orientadores/coordenadores de área para que estes circulem entre seus professores; divulgação seletiva dos títulos para os professores especialistas; divulgação na página WEB da escola, que deve ter uma área somente para a biblioteca, apresentar sugestões de leitura do mês, fazendo escaneamento das

capas;etc. (BERNARDINI ;BARROS, 2009).

Uma outra experiência interessante e produtiva, que atrai o público e divulga a biblioteca é o trabalho realizado com a família. A biblioteca promove um encontro de escritores na família, onde os pais, tios, avós, etc, que tenham publicado livros, possam estar reunidos numa feira de livros e até de os disponibilizarem a venda ao público. É uma variedade onde o aluno participa muito, com gosto, e traz a família inteira. (BERNARDINI e BARROS, 2009)

5.10 A atuação do bibliotecário na biblioteca escolar

A figura do bibliotecário nas bibliotecas escolares brasileiras não costuma ser uma das mais simpáticas ou queridas. A caricatura da velhinha com o dedo em riste pedindo silêncio ainda povoa o imaginário de muitas pessoas e em muitas escolas esta caricatura, infelizmente, corresponde

O bibliotecário ativo na escola é aquele que participa da elaboração do currículo da escola. Isso torna a sua biblioteca um diferencial, notado e conseqüentemente faz a diferença e acaba atraindo investimento para a sua biblioteca. O bibliotecário no ambiente educacional precisa estar apto a desenvolver o papel de educador quanto criar políticas internas para incentivar a prática cultural na biblioteca entre as quais em organizar mostras culturais, contação de histórias, sessões de teatro e de cinema, dia de autógrafo com autores, gincanas de leitura, interpretação, criação de textos entre outros. Quando fizer da biblioteca um espaço divertido, agradável, aconchegante, um ambiente prazeroso e conquistando novos leitores, envolvendo-os nas atividades e fazendo com que se torne um programa agradável e habitual em visitar a biblioteca para porém, realizada no momento por poucos. O bibliotecário precisa agir para favorecer práticas de leitura de diferentes fontes de informação, propiciar espaços de leitura e minimizar a exclusão social, lembrando a importância da aculturação digital para todos. (BLATTMAN CIPRIANO s.d. p.1)

Bezerra complementa afirmando que:

Não se contrata um enfermeiro para executar uma cirurgia, tampouco um médico para fazer um tratamento de canal dentário, apesar de a formação dos profissionais citados serem semelhantes, mas não sua especialidade. Trata-se de arriscar ou não a vida humana. Numa emergência, um bombeiro faz um parto, às vezes, até com o rigor de um obstetra. No entanto, não é essa a constante. Assim na sala de aula, o professor é licenciado para ensinar. Na biblioteca, o bibliotecário, bacharel em biblioteconomia é o profissional habilitado para os fins a que se formou. Antigamente, diziam que a mão de obra do profissional, o bibliotecário escolar, era cara, que as escolas estavam precisando de reforma... mas hoje existe a assessoria. através da assessoria, o bibliotecário pode gerenciar,

organizar e mediar a informação a esse professor, para que o mesmo se utilize de suas habilidades de sala de aula, orientando os alunos em seus atendimentos.
(BEZERRA, 2008 p.7)

No que diz respeito a uma profissão que envolve disponibilizar a informação a quem precisa o bibliotecário deve ser imparcial e não agir como um censor. Frase do livro *Caçada de Pedrinho*, de Monteiro Lobato tem gerado discussões no Conselho Nacional de Educação (CNE) sobre um possível veto a utilização dessas obras na escola, por conta de um suposto caráter racista e preconceituoso de algumas referências à personagem Tia Anastácia.

Diante de uma situação como essa, o bibliotecário deve mostrar-se de forma imparcial e a favor da disponibilização das obras, se assim consultado, como forma de fazer com os alunos entendam melhor o contexto histórico da obra.

O bibliotecário, como tal, não deve se ocupar de política nem de questões sociais ou religiosas. No conflito de idéias, ele é neutro, mas de uma neutralidade positiva que permite a todas as pessoas escrupulosas de todos os partidos, de todas as opiniões, de todos os credos, se documentarem com exatidão. (SUSTRAC, apud SILVA, 2006)
Nesse cenário, o bibliotecário, para atender de forma eficaz e de maneira efetiva, o seu público alvo, alunos e professores, vai precisar responder a uma série de perguntas:

- Tenho condições para assumir tal responsabilidade?
- O que recebi da Universidade na área de Bibliotecas escolares?
- Tenho vocação para lidar com crianças e jovens?
- Conheço meus leitores e usuários?
- Tenho capacidade de desenvolver o interesse pelo mundo que nos cerca?
- Tenho habilidade para tornar a leitura algo agradável, significativo e curioso?
- Conheço bem o acervo do qual sou responsável?
- Estou antenado com o mundo?
- Como esta a minha relação com a ação pedagógica da escola?
- Convido professores e alunos a participarem da avaliação e seleção das coleções que compõem o acervo? (QUINHÕES s.d)

No que diz respeito ao conhecimento que foi recebido na Universidade não seria o caso de se acrescentar uma matéria específica sobre o assunto, no currículo do curso de

biblioteconomia da UnB?

O bibliotecário escolar precisa dispor de paciência, entusiasmo, simpatia, e sensibilidade. Além dos conhecimentos específicos de sua área deve ter noções de pedagogia e psicologia e também deve promover, juntamente com a direção e os professores, o marketing da biblioteca. Isto mostra que o bibliotecário da biblioteca escolar deve ter uma formação diversificada, formação esta que é questionada por alguns autores como Kieser quando diz que o simples bacharel em biblioteconomia, formado hoje pelo currículo atual, não tem habilidade suficiente para planejar, organizar, dirigir, e atender leitores de uma biblioteca escolar. Lidar com crianças e jovens requer uma formação tão sofisticada quanto a que se exige dos que trabalham com os pesquisadores mais altamente diferenciados; uma formação em que a Psicologia, a Pedagogia e a Literatura são tão importantes quanto à Bibliografia, a Catalogação e a Classificação (FONSECA apud KIESER e FACHIN, s.d)

Talvez por isso a maioria das escolas na rede pública não conte com bibliotecários em seu quadro de funcionários. Mediante os fatos expostos podemos perceber um dos vários motivos para a Secretaria de Educação evitar utilizar o nome da biblioteca escolar que além de não compreender sua finalidade, seja também uma forma de não contratar o profissional bibliotecário já que é regido por lei que toda biblioteca deve ser regida por um bibliotecário, talvez seja por isso que use a denominação de “Centros de multimeios” e dessa forma contribua ainda mais para a péssima educação das escolas públicas brasileiras”. (SILVA e MARQUES, 2009)

Por conta disso, o professor acaba ficando com toda a responsabilidade de transmitir e ajudar na assimilação do conteúdo por parte do aluno de forma satisfatória.

Do ponto de vista pedagógico, essa ausência pode reforçar a posição do professor como única fonte de transmissão do conhecimento, visto que o aluno, sem outras possibilidades de informação na escola, fica submetido às explicações dos professores ou aos livros didáticos (REAME apud SILVA, 2009)

De fato a interação dinâmica entre o professor e o bibliotecário é necessária. Os bibliotecários auxiliam alunos sem orientação para, os trabalhos de pesquisa e se indignam com o que costumam chamar ‘de falta de orientação dos professores’ que, em contrapartida, alienam completamente a biblioteca do contexto educação, como se o bibliotecário não fizesse parte do trabalho educativo.(AMATO e GARCIA apud SALGADO BECKER)

Ainda faz parte do imaginário popular a figura de uma bibliotecária idosa e ranzinza pedindo silêncio aos usuários. Esta idéia é proveniente da época medieval em que apenas os monges tinham acesso à biblioteca, e precisa ser substituída pela idéia de um profissional mais flexível, dinâmico e mais habilidoso para atender as necessidades dos usuários. Esta mudança contribuiria para uma melhor valorização da profissão e um melhor prestígio do profissional bibliotecário perante a sociedade.

Cabe ao bibliotecário a busca do leitor, ou seja, do usuário da biblioteca e, esta aproximação pode ser feita de várias maneiras, desde o aproveitamento de datas comemorativas, acontecimentos que o cotidiano se encarrega de trazer, do próprio processo técnico do acervo, ao mostrar aos usuários-mirins os dados mais importantes em cada obra e o porquê de cada processo o porquê da carteirinha, como o porquê de não colocar o livro na estante, enfim, mostrar como realmente funciona uma biblioteca, como é realizado cada processo, que ferramentas biblioteconômicas são utilizadas e por que as utilizamos, o que representa cada número da lombada e o significado da cor. (KIESER e FACHIN).

O bibliotecário escolar tem como tarefa cativar e conquistar o estudante e fazer com que ele se sinta á vontade dentro da biblioteca. O bibliotecário deve compreender as crianças, saber conquistá-las, dirigi-las, ter espírito de curiosidade, animação, boa saúde, tato, entusiasmo, energia, e saber lidar com adultos tanto quanto a criança (DOUGLAS apud CORREA, 1971)

Suas tarefas podem ser divididas em três grandes categorias:

Tarefas administrativas:

- planejar e executar o programa bibliotecário;
- selecionar e supervisionar o pessoal de rotina necessário para o movimento do trabalho;
- programar o uso das obras por estudantes e professores;
- divulgar junto à comunidade escolar, informações sobre seus serviços e recursos bibliográficos.

Tarefas Educacionais:

- Ter conhecimento das necessidades de leitura individuais dos estudantes e de seus interesses;
- planejar com os professores diversas formas de integração do serviço bibliotecário com o programa docente da aula;

- procurar incluir ao serviço bibliotecário um caráter humano e se ocupar das necessidades individuais dos alunos, no processo da aprendizagem;
- manter-se informado das novidades, métodos e matérias educativos;
- indicar aos professores materiais para seu contínuo crescimento cultural e para o enriquecimento geral do programa docente.

Tarefas técnicas:

- estabelecer os procedimentos para seleção, aquisição, processamento, preparação, e empréstimo de materiais;
- manter uma documentação precisa do material bibliográfico e audiovisual da biblioteca;
- descartar periodicamente os materiais da biblioteca que estão deteriorados, desgastados e desatualizados;
- supervisionar a realização das tarefas de rotina que são necessárias para o bom funcionamento da biblioteca. (LITTON apud CORRÊA, 1974)

Quanto à importância, as tarefas educacionais vem em primeiro plano “[...]; ao bibliotecário escolar, visto como educador, cabe dedicar-se menos às atividades mecanizadas e muito mais a programas de incentivo a leitura, junto aos alunos, com o apoio dos outros educadores da escola, como professores e os especialistas” (SILVA apud CORRÊA)

Ao se comparar os perfis do bibliotecário escolar e do professor podem se encontrar alguns pontos em comum como:

- conhecimento e atendimento às necessidades individuais dos alunos no processo ensino aprendizagem, bem como de seus interesses de leitura;
- atualização a respeito de novidades, métodos e materiais educativos;
- exercício do papel de mediador entre as informação/conhecimento e seu usuário, possuindo para tal, competência teórica e aptidões profissionais advindas de formação específica para cada caso;
- motivação e estímulo á pesquisa, despertando no aluno o gosto pela leitura. (CORRÊA, 2002)

Portanto é necessário o trabalho conjunto entre o professor e o bibliotecário, o primeiro não pode ver o segundo como um profissional apático e isolado e o segundo não pode ver o primeiro como um que se julga o único detentor e responsável pela disseminação do conhecimento.

Infelizmente ainda, para alguns professores, o bibliotecário não passa de um guardador de livros, ou cuida de garotos, enquanto estes cumprem castigos (cópias), dados por estes mesmos professores que não sabem tornar suas aulas mais atraentes, talvez por não lerem, estudarem, pesquisarem e não frequentarem uma biblioteca e, cabe sim, ao bibliotecário comprovar sua competência, sua atuação e sua formação o que é capaz de fazer. Naturalmente a mesma postura dinâmica deve ser adotada por parte do bibliotecário e o mesmo precisa ter como hábito a leitura. O bibliotecário precisa ser, ele mesmo, um bom leitor. Precisa sentir a beleza da palavra escrita, precisa viver o prazer da leitura. Não é se preocupar como desenvolver hábitos de leitura nas crianças, se ele próprio não tiver este hábito usando-o como exemplo. Aquilo que se faz porque gosta, brota espontaneamente, facilitando a transmissão do conhecimento, do saber, do fazer. (KIESER e FACHIN, s.d)

A escola deve propor aos alunos atividades que os levem e desenvolver as habilidades de debate, dedução, análise, interpretação, conclusão, mas, para que isso seja possível, é necessário que os alunos tomem distância do aprendizado centrado na oralidade do professor e do quase que exclusivo livro didático, aproximando-se cada vez mais da biblioteca onde terão oportunidade de estudar, conhecer e de refletir sobre vários assuntos, em diferentes abordagens e formatos (GARCEZ, 2007)

“Saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a própria produção ou sua imaginação. A criança precisa ter contato com a biblioteca desde o início da sua escolarização “(FREIRE apud PACHECO 2009, p.483)

Treinar as crianças a como encontrar e usar a informação: para desenvolver suas capacidades de lidar com as informações e se tornarem aprendizes independentes.(RYAN apud DIAS, 2007)

“A escola não pode mais conformar-se em ser apenas transmissora de conhecimentos que, provavelmente, estarão defasados antes mesmo que o aluno termine sua educação formal. Tem de promover oportunidades de aprendizagem que favoreçam o autodidatismo” (CAMPELLO apud MATTOS, 2006)

Quando se analisa a níveis quantitativos o percentual de bibliotecas escolares geridas por bibliotecários os números são preocupantes. Apenas 1,4% das bibliotecas de escolas brasileiras de ensino básico e profissionalizante possuem bibliotecários como responsáveis pelo setor, sendo que deste percentual, 71% são privadas e 29% são públicas. Sem este profissional, as normas de funcionamento, a formação da coleção, o tratamento de informação e os serviços oferecidos pela biblioteca são instituídos sem discussão e sem critérios adequados, deixando de

atender de forma satisfatória, às necessidades da comunidade escolar e de criar e/ou incentivar, nessa mesma comunidade, mudanças quanto ao hábito de leitura e de pesquisa. (GARCEZ, 2007, P. 2)

5.11 A leitura mediada

Podemos entender a leitura como a disciplina básica que permite o aprendizado de todas as outras disciplinas pois não seria possível aprender de forma satisfatória as outras disciplinas sem ela. Os professores de cursos preparatórios para os vestibulares e concursos públicos costumam dizer que a matéria mais importante é a interpretação de texto pois sem ela não se consegue entender as afirmações das provas satisfatoriamente. Aliás é a devida interpretação de texto que dá a capacidade do estudante aprender a aprender. O autor já estudou em uma das escolas parques do plano piloto, se lembra que apesar da proposta deste tipo de instituição de ensino de procurar desenvolver o potencial do aluno apresentando-o a diferentes tipos de atividades pedagógicas, o trabalho da biblioteca deixava a desejar. Pois o mesmo não se lembra de nenhuma atividade de leitura mediada que tenha sido realizada lá.

A biblioteca era usada apenas por alunos que se dispunham a freqüentá-la na hora do recreio ou eventualmente para exibir comédias que muitas vezes apresentavam conteúdo inadequado para à faixa etária dos alunos. Deixando dúvidas se os professores haviam assistido ao seu conteúdo antes de sua exibição o que, segundo os autores, é um requisito muito importante.

O objetivo principal da escola consiste em oferecer aos seus alunos habilidades e competências necessárias para o seu desenvolvimento pessoal, social e profissional. A leitura é uma destas habilidades básicas, com ampla diversidade de uso e aplicação e pode ser realizada para informar, investigar, aprender, ensinar, divertir, entre outros. (HILLESHEIM, 2003 p.2)

Todos reconhecem a importância da leitura no desenvolvimento da inteligência e na busca do conhecimento, mas o que seria a leitura?

O que é ler? “ Compreender expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem”. (MARTINS apud MENDONÇA, 1988)

Como ler? “Encontrando a significância das coisas, sendo essa significância “ o

sentido na medida em que é produzido sensualmente.” (BARTHES apud MENDONÇA, 1988)

Por que ler?

Para definir uma identidade, para “sondar a si mesmo e o outro, numa tentativa de elucidação do mundo”. (HATOUM apud MENDONÇA, 2005)

Pimentel (2007, p.81) Afirma que “a leitura da vida que fazemos a todo instante nos ajuda a fazer uma leitura das letras, dos sinais gráficos espalhados ao nosso redor. Partimos da constatação que a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Hatoum apud Mendonça (2008, p.381) diz que “é ela quem permite ao leitor a liberdade de imaginar situações, traçar relações, preencher lacunas e desvendar sentidos ocultos, podendo enfim mediar, compreender, interpretar.” Mendonça (2008, p.381) “Ela sempre faz o leitor executar uma busca em sua vida, em seu conhecimento, para ser compreendida de fato”. O conhecimento prévio deve ser ativado antes da leitura e enquanto ela se dá, para poder chegar ao momento da compreensão. Ler implica, por parte do leitor, buscar lembranças e conhecimentos relacionados ao passado, para a compreensão de um texto que fornece pistas, sugere caminhos, mas que, certamente, não explica tudo deixando lacunas a serem preenchidas pelo leitor e sua subjetividade (KEIMAN apud FERRAZ, 2008)

A formação de um leitor crítico, capaz de desconstruir o sentido de um texto baseado na visão do autor e misturá-lo a sua realidade deveria ser o objetivo principal do ensino da língua materna fazendo do aluno um co-autor. A formação de usuários competentes da língua e não meros receptores passivos de informações é consequência da qualidade do ensino de leitura. O desenvolvimento de leitores críticos deve começar na alfabetização, no decorrer do ensino fundamental, os professores devem promover atividades em que o aluno relacione os textos trabalhados com o conhecimento de mundo e exponha as suas idéias. Estas devem ser trabalhadas em profundidade não podem se resumir aos textos do livro didático e a uma interpretação ineficaz, baseadas em perguntas mapeadoras do discurso. Pois estas não mostram as idéias implícitas do texto, deve-se levar em conta que o aluno precisa encontrar um sentido no que estuda para que se sinta motivado a aprender. Nota-se que o texto possui certo volume de dados e informações, e que pode ter uma maior ou uma menor clareza, isto repercute em sua compreensibilidade. Este exigirá mais atenção quanto maior for o número de informações ou menos explícitas

elas forem. Portanto diante de um mesmo texto, é possível que ocorram diferentes interpretações, pois o que poderá ser visto como óbvio para um poderá ser visto como muito complexo para outro. (LIMA ; MELQUIADES 2009)

A leitura mediada deve ser feita na biblioteca. Os alunos dirigem-se a esse espaço para ter uma “aula de leitura” em que o professor ensina o “caminho” que o leitor deve percorrer para compreender o texto e tem como objetivo despertar o gosto pela leitura (FERRAZ, 2008)

Na biblioteca a leitura pode ser mediada pelo bibliotecário ou pelo professor com o auxílio do bibliotecário. Nessas atividades são utilizadas técnicas específicas para prender a atenção dos alunos e fazê-los refletir sobre o texto lido.

O responsável por estas atividades precisa ter paixão pela leitura pois não se pode ensinar o que não se pratica, é este responsável que deve procurar incutir o desejo pela leitura no aluno. De nada adianta uma excelente biblioteca e uma excelente escola se o aluno não tiver o interesse em usufruí-las (KUHLTHAU apud MENDONÇA, 2008 p. ?)

Vale ressaltar ainda a importância de o professor leitor encontrar a entonação adequada durante a atividade de leitura, o que torna o texto mais rico, compreensível e envolvente por meio de sua leitura em voz alta, é possível marcar o desenvolvimento da estrutura narrativa, enfatizando o conflito, a resolução ou seja, estabelecer com a sua fala a evolução do esquema narrativo. A leitura mediada ,entretanto, deve ser uma leitura contida, clara, pouco teatral, mesmo considerando o trabalho com a ondulação da voz e a entonação, que são estratégias facilitadoras para a compreensão. É preciso ter em mente que leitura não é sinônimo de encenação (FERRAZ 2008, p.28)

Existem muitas práticas que podem ser adotadas baseadas na leitura mediada. A principal é à hora do conto devido à receptividade das crianças as fábulas e histórias fantásticas; esta será tratada com mais profundidade adiante, porém existem outras práticas úteis tais como:

-Porcelana fria ou biscuit confecção de personagens da obra da literatura brasileira por

meio do conhecimento teórico prático;

-Saraus literários por meio da música e da leitura dramática de poesias, o evento propõe temas específicos da literatura brasileira (as diversas escolas literárias, centenários de nascimento ou de morte dos poetas, datas comemorativas etc);

-Encontro como escritor por meio de oficinas literárias e leituras das obras, o leitor é preparado para o encontro com o escritor. A intenção é aproximar o leitor do livro e do seu criador;

-Pintura em tela noções básicas de pintura acrílica e em óleo, utilizando temas inspirados na literatura brasileira;

-Palestras e seminários educativos podem ser de temas atuais ou de acordo com as necessidades da comunidade. Por exemplo: DST/AIDS, uso indevido de drogas, gravidez, na adolescência etc (Pimentel, 2007)

Das possibilidades citadas, acredito que o encontro com o escritor seja a mais difícil de realizar. Devido à impossibilidade do mesmo não poder se deslocar para a escola, pelo menos não facilmente, se morar muito longe dela. Além disso uma atividade como essa provavelmente seria voluntária e talvez o autor não tivesse interesse nessas condições. Quanto às palestras e seminários educativos seria uma boa oportunidade para se atrair a comunidade para escola convidando membros dela para compartilharem sua experiência sobre temas relevantes. Por exemplo em uma aula de história poderia ser muito conveniente chamar uma pessoa idosa para falar sobre como eram os costumes, a situação econômica ou qualidade de vida no país na sua época.

O mediador da leitura deve conduzir as atividades de maneira lúdica, agradável e instigante evitando cobranças; cabe a ele descobrir o leitor que existe dentro de cada aluno, tornando-os colaboradores da leitura. Planejar, convidar e recepcionar a comunidade escolar para as atividades de leitura também são suas tarefas. O mediador de leitura é o agente que apresenta e aproxima o livro de forma lúdica ao leitor. Ele introduz o leitor no mundo mágico da leitura e compartilha com o leitor o deleite de ler, de conhecer e de descobrir o que os livros têm a oferecer. O mediador de leitura é, também, um agente cultural de leitura e tem diversas funções na biblioteca. Ele conta

histórias ou estórias para crianças, ou simplesmente as lê, seleciona e expõe livros de interesse para adolescentes, faz recital de poesias, planeja rodas de leitura para os adultos, divulgam recados, opiniões, dicas e textos literários em murais, promove debates, apresenta as novidades do mercado editorial, enfim ele dinamiza a leitura. (PIMENTEL, 2007)

A característica mais importante para o mediador da leitura é ter gosto pela leitura, seja ele o bibliotecário ou o professor, pois do contrário ele não poderia ensinar as crianças a terem uma determinada atitude que ele mesmo não tem. Ele também deve conhecer o acervo sabendo indicar os livros mais simples para os leitores iniciantes e as leituras mais densas para os mais adiantados.

De fato provavelmente seria contraproducente indicar um livro de linguagem rebuscada como Memórias póstumas de Brás Cubas, para um aluno de 5ª série e alguns professores tanto como alguns pais, como o do autor, às vezes, exageram sugerindo livros que ainda não estão adequados ao nível de aprendizado do aluno.

Nesse contexto, para ser um bom mediador, é necessário estar aberto também ao aprender e explorar as diversas atividades que são oferecidas para sua formação, como: cursos de atualização, qualificação, participação em eventos literários, feiras de livros, noites de autógrafos, seminários e, ainda estar atento aos grandes lançamentos editoriais. Outro detalhe importante é a interação do mediador com a comunidade em geral, com a escola e com a família. Quando existe essa interação é mais fácil perceber as necessidades e as dificuldades de leitura apresentadas por quem está no começo da sua jornada como leitor (PIMENTEL, 2007)

5.12 Hora do conto

Sabe-se que as crianças costumam ter uma grande simpatia pelas estórias fantásticas, estórias envolvendo princesas, dragões, reis e muitas aventuras vem sendo contadas para elas há séculos tal qual as narrações com animais de personalidade humana, as fábulas, de maneira geral tentando passar algum ensinamento ético. Porém é preciso ter em mente que os livros são para usar; eles não podem ficar guardados a sete chaves pelo

medo de, alguns diretores, que os alunos os estraguem. E portanto ficando a disposição dos alunos apenas quando estes vão com toda a turma em horários agendados.

Lopes;Silva, (2008) afirma que isso já se confirmou em algumas escolas, na época em que esta pesquisadora coordenava o projeto focalizado neste trabalho. As informações que chegavam pelos professores participantes do PBE se referiam a dificuldade de alguns especialistas (Diretores e Orientadores Pedagógicos-OPs) de alargar a sua visão sobre os livros recebidos, "novinhos em folha", e que deveriam chegar às mãos dos alunos. Estes profissionais consideravam que os livros poderiam se estragar e se perder. Por isso, não iam para as estantes da biblioteca, ficando no armário da diretora ou na sala dos professores, para serem usados por eles na hora da leitura ou outra atividade os livros novos passam a ter uma função meramente decorativa e dando a impressão aos desavisados de que aquela instituição promove o hábito da leitura de forma correta, levando em conta que essas atividades acabam, muitas vezes, sendo raras. O que ilustra bem a função decorativa: Segundo Abramovich conforme citado por Furtado "Como é importante para a formação de qualquer criança, ouvir, muitas, muitas histórias...escutá-las é o início da aprendizagem, caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo."

"Muitos estudos relatam sua importância no desenvolvimento infantil, instrutiva, afetiva, estimuladora da criatividade e criadora de hábitos. Estimula também a socialização, desenvolve a atenção e a disciplina "(PIMENTEL, 2007 p.102)

Souza,Cavalcante,Bernardino dizem que a biblioteca escolar tem grande responsabilidade e influência quando oferece aos alunos novas práticas de leitura; um bom exemplo destas práticas é a hora do conto, que instiga a imaginação das crianças desenvolvendo sua criatividade. As atividades de contação de histórias oferecem aos alunos momentos de descontração, proporcionando uma forma proveitosa de ocupar o tempo,enriquecendo o seu vocabulário, facilidade de comunicação, e capacidade de atenção. Estas atividades podem ser acompanhadas com oficinas de arte onde as crianças irão demonstrar o seu entendimento. É importante ressaltar a importância de se ter um profissional bibliotecário visto sua capacidade de mediar o contato entre o acervo e o leitor, auxiliando no processo de formação de leitura.

Esse entusiasmo pode ser aproveitado pelos professores e pelos bibliotecários para seduzir as crianças para o hábito da leitura através da narração de contos. Estes dispõem de muitos detalhes que, se forem bem aproveitados pelos professores, podem levar as crianças a refletir e a aguçar o raciocínio.

A narração de contos ou sua leitura em voz alta pelo professor funciona como uma das atividades mais tradicionais e efetivas para introduzir as crianças no mundo da leitura. Segundo a autora, a leitura em voz alta de textos literários pelo professor, pode ser utilizada na escola em todos os níveis educativos, se as narrações escolhidas levarem em conta a faixa etária de seus receptores e a preparação do professor em relação à leitura (COLOMER apud FERRAZ, 2008)

Coentro (2008) diz que as narrações de histórias trazem à imaginação sensações e sentimentos reais, ou seja catárticos, de maneira a proporcionar a criança um acesso diferenciado e lúdico a obra literária e conseqüentemente formando o futuro leitor literário. Vygotsck Apud Coentro (2008) afirma que tudo o que edifica a fantasia influi de maneira recíproca em nossos sentimentos, e ainda que essa construção em si não concorde com a realidade, todos os sentimentos que ela provoca são reais e efetivamente vividos pelo ser humano que os experimenta.

“O primeiro contato com um clássico, seja na infância, seja na adolescência, não precisa ser feito com o original. Segundo a autora, por vezes, o ideal é uma adaptação bem feita e atraente, que pode ser sugerida pelo professor” (FERRAZ, 2008 p ?)

Pelas razões apresentadas nota-se que a narração de estórias ajuda as crianças a enriquecerem o seu vocabulário, levam as crianças a poderem pensar e tirar suas próprias conclusões e discuti-las com as outras, exercitarem sua criatividade e portanto fazerem a sua própria leitura do texto exercitando o senso crítico. Estas narrações podem ser desenvolvidas através da hora do conto que deve ser realizada na biblioteca havendo a ação conjunta do bibliotecário e do professor.

A Hora do Conto, além de incentivar as crianças ao gosto e ao hábito de ler, amplia os horizontes da leitura, tornando a criança consciente da infinidade de livros de diversos temas, gêneros e estilo, capazes de satisfazer suas necessidades individuais e seu gosto. (COSTA, s.d)

Para que esta atividade tenha sucesso, algumas condições devem ser asseguradas:

-adequação do local, do horário e das acomodações: o local deve ser arejado, com boa claridade para que o ouvinte possa ver as imagens do livro e ouvir todos os detalhes da narração. Almofadas coloridas e espalhadas no tapete ajudam a compor um ambiente gostoso e a ser um bom convite para a contação de histórias. Cuidado com os horários, pois o narrador não conseguirá prender a atenção da criança se esta estiver com fome ou com sono;

-Conhecimento do público a que se destina: é muito importante conhecer as preferências do ouvinte e a sua maturidade cognitiva. Não adianta querer contar histórias longas para crianças ainda muito pequenas e nem contar histórias muito curtas, sem aventuras, para aquelas já iniciadas na literatura;

-Conhecimento do enredo, do texto a ser explorado: o narrador precisa conhecer o texto para evitar as surpresas, seja no vocabulário que pode estar inadequado para aquele grupo, como foi mencionado anteriormente, seja no enredo que pode ter um desfecho desagradável ou ter um conteúdo pobre;

-Narração com naturalidade: o bom narrador não precisa produzir muitos efeitos para chamar a atenção, o mais importante é trabalhar as tonalidades de voz e pausas oportunas para enfatizar os pontos emocionantes da história;

-Continuidade na narrativa sem preocupar com conselhos e explicações: não interromper a narrativa e negociar com os ouvintes um momento após o término da história para esclarecer os pontos de curiosidade. As interrupções frequentes podem comprometer o prazer de ouvir a narrativa;

-Tratamento do ouvinte com simpatia e camaradagem: dar atenção a todos sem adotar um ouvinte predileto;

-Finalização sem apontar a moral ou aplicar lições: lembrar sempre que este momento é de lazer, nada de comparações e lições. A criança, naturalmente e de acordo com sua maturidade faz sua interpretação e incorpora ou não como exemplo de vida (PIMENTEL, 2007)

Os desenhos animados ou animações atuais parecem ter incorporado esta princípio, visto que apesar de possuírem lições de moral, estas não são explicitadas ficando por conta do espectador percebê-las. Animações como a era do gelo ou Kung-fu Panda, por exemplo, poderiam ser utilizadas como complemento para as atividades de leitura em bibliotecas melhor estruturadas.

5.13 Encontro literário ou roda de leitura

O encontro literário ou roda de leitura pode ser vista como uma forma mais adiantada da hora do conto; nela os alunos, primeiramente, lêem a obra e depois fazem um debate sobre a mesma. O autor desta monografia já teve uma experiência deste tipo durante o ensino médio, contudo ela não foi proveitosa, visto que o professor mostrava ter preferência por certos alunos e também porque dava menções de mm e mi para a maioria da turma, sem explicar os motivos que o levaram a aplicar estas menções. Será que ele não conhecia as técnicas adequadas da roda de leitura ou apesar de conhecê-las as ignorava?

De acordo com Faria (2006) “é tarefa do professor oferecer aos alunos as competências necessárias, sem fazer julgamento do aluno”. A roda de leitura é uma atividade em que você e o seu público leitor dividem os saberes, as experiências que foram manifestadas ao encontrar no texto algo que os levou a refletir. São conduzidas por um mediador que ajuda aos participantes a compreender melhor um texto, uma obra ou um autor.(PIMENTEL, 2007)

Existem determinadas estratégias que podem ser adotadas para facilitar e tornar a roda de leitura mais eficiente:

- trabalhar com grupos entre dez a vinte pessoas. Poucas pessoas podem, às vezes, limitar a discussão. Porém, um número excessivo pode excluir uma fala importante;
- a disposição das pessoas em círculo contribui para que todos se vejam, facilitando assim a comunicação;

- o mediador deve estar atento em conduzir o debate de forma que todos dêem sua contribuição, sem privilegiar determinado colaborador;
- ter o texto na mão ajuda na formação das idéias, permite ao participante fazer a releitura, repassar o texto nas riquezas e nos detalhes do vocabulário;
- negociar com os participantes a hora de início e término da atividade para que se evite o entrar e sair de pessoas ou interrupções desnecessárias;
- o local fechado é o ideal e contribui para a concentração. Pode ser feito ao ar livre, mas corre-se o risco da dispersão;
- uma música pode estabelecer um clima agradável e propiciar a manifestação das emoções. (PIMENTEL, 2007).

Mesmo que o horário de início e termino da atividade seja estabelecido o mediador deverá dar oportunidade de fala igual a todos participantes, pois do contrário, mesmos que os alunos não se retirem da sala eles tenderão a ficar dispersos, o que não é o esperado para atividade.

6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

De acordo com a metodologia adotada, foi possível levantar os dados e informações descritos e analisados a seguir: com a revisão de literatura apresentada, constatou-se a importância do hábito de leitura ser incentivado nas escolas e o papel da biblioteca e do bibliotecário escolar nesse contexto:

- Nas bibliotecas escolares, do Distrito Federal, analisadas, foi possível colher uma série de dados tais como: saber se as bibliotecas possuíam livros de ficção, didáticos, material audiovisual, dicionários, enciclopédias, mapas, e revistas em quadrinhos. indivíduo/cidadão, o papel da biblioteca escolar tornar-se cada vez mais relevante.

- Das bibliotecas analisadas cinco possuíam livros de ficção, didáticos, dicionários, enciclopédias e revistas em quadrinhos. Os recursos mais incipientes eram os audiovisuais, sendo que três das bibliotecas os possuíam, seguido de mapas.

Em resposta a pergunta referente à frequência com que os alunos vão à biblioteca todas as escolas, com exceção de uma, afirmaram que os alunos usufruem em dos serviços da biblioteca diariamente. Aquela que não respondeu afirmou estar em processo de reorganização.

Apesar das atividades extra classe terem ficado em último lugar, quatro das cinco escolas trabalham com projetos de incentivo a leitura a leitura. A leitura de histórias em quadrinhos e leituras infantis ficou em um ponto intermediário mostrando que a leitura recreativa está sendo praticada nestas escolas.

Na sexta questão que indaga de que maneira a biblioteca contribui para a formação e desenvolvimento do hábito de leitura; constatou-se que a maioria dos responsáveis pelas bibliotecas escolheu a atuação do bibliotecário junto ao professor como o fator mais importante, seguido por duas escolas que consideraram mais relevante o acompanhamento do professor à biblioteca, ilustrando a importância do trabalho de parceria entre o professor e bibliotecário.

Quanto à sétima pergunta do questionário, referente às projetos de incentivo á leitura que porventura fossem praticados, quatro das cinco, escolas afirmaram promover este tipo de dinâmica.

A escola classe da 409 Norte afirmou ter:

Projetos de leitura c/ o professor

Competições de leitura

Livros atualizados

Dom Bosco da 702 Norte afirmou ter:

Projeto de leitura chamado Amigo do Livro

Projeto de leitura chamado chocolate e Letrinhas

La Salle da 906 Sul afirmou ter:

A escola de leitura monitorada

Atividades curriculares

Premiação dos maiores leitores da biblioteca.

CONCLUSÃO

Tendo em vista o estudo realizado por meio de levantamento de literatura e aplicação de questionário junto às bibliotecas selecionadas, é possível, concluir que: o objetivo geral foi cumprido por meio da revisão de literatura na medida em que os autores consultados atribuem grande importância à biblioteca escolar na formação do hábito de leitura. Já quanto aos objetivos específicos, o levantamento de informações obtido com os questionários permite uma visão que, embora reduzida, a amostra revela um conjunto de atividades e esforços que vêm sendo realizado em grande parte dessas escolas, e ao mesmo tempo, a ausência de um interesse maior revelado, por parte de outras. Como exemplo desse desinteresse, cite-se a ausência de resposta por parte de duas das escolas contactadas inicialmente.

Essa pesquisa possui limitações que são relacionadas principalmente ao tempo disponível para sua realização. O que se espera é que a literatura consultada e a realidade concreta estudada possam fornecer em seu conjunto, elementos para a inspiração de novas pesquisas e ações que estimulem cada vez mais o hábito de leitura na população escolar. Se entendermos tal hábito como fundamental na formação do cidadão.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Maria Helena T.C. MARILUCIA, Bernardini. Serviços essenciais na biblioteca escolar. 2009. Disponível em: <www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=446 – Acesso em Março de 2010.
- BASTOS, Gustavo Grandini. ALMEIDA, Ludmila de. ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Os sujeitos – escolares e a biblioteca; um estudo discursivo the subject-school ones the library: a discursive library study. Ribeirão Preto: Biblios. Disponível em: <www.scielo.org.pe/pdf/biblios/n33/aO2n33.pdf> Acesso em Abril de 2010.
- BECKER, Patricia. SALGADO, Denise Mancera. O bibliotecário no olhar do público escolar: Encontros biblis: Florianópolis, 1998. Disponível em <www.journal.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/18/5033> Acesso em Agosto de 2010.
- BEZERRA, Maria Aparecida da Costa. O papel da biblioteca escolar: importância do setor no contexto educacional São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.revista.crb8.org.br/index.php/crb8digital/article/view/24/24> Acesso em: Julho de 2010
- BUENO, Silvana Beatriz. Biblioteca e brinquedoteca, uma parceria . Santa Catarina: Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, 2006. Disponível em: <revista.acbs.org.br/index.php/racb/article/.../465>. Acesso em: Março 2010.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função pedagógica: o literário na escola. Santa Catarina: Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, 2002. Disponível em: <revista.acbs.org.br/index.php/racb/article/.../443. Acesso em Dezembro de 2010.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. As melhores possibilidades da leitura na escola. Florianópolis: Perspectiva, 1999. Disponível em: <www.periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/.../10252-. Acesso em Julho de 2010.
- COENTRO, Viviane Silva. A arte de contar histórias e letramento literário – possíveis caminhos. 2008 Disponível em: <<http://cutter.unicamp.br/>>. Acesso em: Setembro de 2010.
- COPEs, Regina Janiaki. Políticas públicas de incentivo á leitura: um estudo do projeto “literatura em minha casa”. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2007. Disponível em: <http://www.bicentede.uepg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo>. Acesso em: Novembro de 2010.
- DIAS, Maria de Fátima. Bibliotecas escolares: história e actualidade. Universidade do Porto. 2007. Disponível em <repositorio-aberto.up.pt/bistream/10216/.../2Bibliotecas%20escolares.pdf. Acesso em Maio de

2010.

DIAS, Vitor Gonçalves. DUTRA, Lidiane Fonseca. Hora do conto: atividade pedagógica que estimula o gosto pela leitura. Revista didática Sistemica: Rio Grande. 2008. Disponível em <www.redisis.furg.br/edições/vol7artv7.pdf> Acesso em Agosto 2010.

ELY, Neiva Helena. Dimensões da biblioteca escolar no ensino fundamental. Santa Catarina: Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, 2003/2004. Disponível em: <revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/download/405/510>. Acesso em: Outubro 2010.

FARIA, Thais. Incentivo a leitura: uma reflexão a partir da análise de projetos: São Bernardo do Campo, 2006. Disponível em <ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/processaArquivo.php?...> Acesso em Julho de 2010.

FERRAZ, Marta Maria Pinto. Leitura mediada na biblioteca escolar. 2008, Disponível em <<http://www.teses.usp.br/Teses//disponíveis/27151/tde-2005-2009-136-633/p>> Acesso em: Agosto de 2010

FRAGOSO, Graça Maria. Biblioteca escolar na escola uma relação a ser construída. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina. Florianópolis, 2005. Disponível em <<http://revista.acbs.org.br/index.php/racb/article/viewArticle/430/547>> Acesso em Julho 2010

HILLESSHEIM, Araei Isaltina de Andrade. FACHIN, Gleisy Regina Bories. Conhecer e ser uma biblioteca escolar no ensino aprendizagem. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina: Florianópolis. 1999. Disponível em <www.brapci.ufpr.br/download.php?ddO=11011> Acesso em Junho de 2010.

KIESER, Herta; FACHIN, Gleisy Regina Bories. Biblioteca escolar: espaço de interação entre bibliotecário – professor- aluno-informação um relato. Disponível em: <<http://www.dici.ibict.br/arc/dive/00000743/01/t083.pdf>> Acesso em: Julho de 2010

LIMA, Manoel Nilson. A formação de leitores na escola pública. Disponível em <<http://www.webartigos.com.br/articles/17521/1>> Acesso em Março de 2010.

MARTINS, Aracy. A mediação nos eventos de letramento em bibliotecas e salas de leitura: Belo Horizonte. FAE/UFMG. Disponível em: www.anped.org.br/reunioes/27/gt10/t104.pdf → Acesso em 31 Jan, 2011.

MATTOS, Ana Luiza de Oliveira. O perfil das novas bibliotecas escolares- Universitárias (bibliotecas mistas) nas instituições de ensino privado no estado de Santa Catarina. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, 2006. Disponível em: <revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/.../601> Acesso em Outubro de 2010.

NASCIMENTO, Ana Paula Nigro. O ensino para a compreensão. 2008. Disponível em < [http:// www.revista.crb8.org.br/index.php/crb8digital/article/view/27/27](http://www.revista.crb8.org.br/index.php/crb8digital/article/view/27/27) Acesso em: Julho de 2010

PACHECO, Raquel. Oficina na Biblioteca: um dia de bibliotecário Workshop in the library: one day of librarian. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina: Florianópolis. 2009. Disponível em <www.brapci.ufpr.br/download.php?ddO=9991>. Acesso em Março de 2010.

PIMENTEL, Graça; BERNARDES, Liliane. SANTANA, Marcelo. Biblioteca escolar. Brasília: Universidade de Brasília, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/biblio_esc.pdf>. Acesso em: Julho de 2010.

QUINHÕES, Maura Esandola Tavares. Biblioteca escolar, ação pedagógica e leitura. Ww.brapci.ufpr.br/download.php?ddO=11011 Acesso em Maio de 2010.

RAMOS, Cleristón Ribeiro. MUNHOZ, Deise Parula. MUNHOZ, Andreia. WYSE, Thiago Lopes da Silva. Aproximando o aluno da biblioteca escolar por meio do “estímulo entre pares”. Biblios: Rio Grande. 2009. Disponível em <www.brapci.ufpr.br/download.php?ddO=9991> Acesso em Março de 2010.

REAME, Elizabete Máximo. A biblioteca escolar como suporte ao trabalho do professor, á aprendizagem do aluno e ao enriquecimento cultural da comunidade escolar e local: Presidente Prudente, 2009. Disponível em <tede.unoeste.br/tede/tde_busca/processaArquivo.php?codArquivo=185>. Acesso em Junho de 2010.

SILVA, Elton. Judô Tradicional goshinjutsukan. 2007. Disponível em: <http://www.judotradicionalgoshinjutsukanblogspot.com> Acesso em Agosto de 2010.

Silva, Vicente Rodrigues. A hora do conto na biblioteca escolar: uma proposta de incentivo á leitura. Centro Cultural Alto Vera Cruz. <gebe.eci.ufmg.br/downloads/124.pdf Acesso em Agosto de 2010.

SILVAL, Clemente Ricardo. Marques, Rogério Ferreira. O fazer bibliotecário na biblioteca escolar: propostas de ação cultural. Disponível em <[www.ufg.br/.../o_fazer_bibliotecário na biblioteca_escolar.pdf](http://www.ufg.br/.../o_fazer_bibliotecario_na_biblioteca_escolar.pdf)> -. Acesso em Junho de 2010.

VALERIO, Rosangela Almeida. O que é leitura? : uma investigação interdisciplinar. Disponível em <<http://bdtd.ibict.br/>>, Acesso em: Setembro de 2010

ANEXO – A

Pesquisa sobre hábito de leitura na biblioteca escolar

Questionário/Entrevista

1) Sua escola dispõe de biblioteca?

sim não

2) Sua escola foi não, por quê?

3) Caso tenha respondido sim, como se compõem a coleção da biblioteca? Assinale uma ou mais opções

Livros de ficção

Livros didáticos

Material audiovisual

Dicionários

Enciclopédias

Mapas

4) Qual a frequência dos alunos do ensino fundamental á biblioteca da escola?

1 vez por mês

1 vez por semana

Diariamente

Outra Especifique

5) Qual o principal motivo da frequência dos alunos á biblioteca da escola? (graduar de 1 a 5 de acordo com o nível de importância)

Fazer tarefa escolar

Fazer leitura de texto indicado pela professora

Ler histórias em quadrinhos

Ler histórias infantis

Participar de atividades extra-classe

6) De que forma a biblioteca contribui á formação e desenvolvimento do hábito de leitura dos alunos?

- Por meio da freqüência á biblioteca
- Pelo acompanhamento do professor á biblioteca
- Pelo tipo de material que o aluno lê na biblioteca
- Pela atuação do bibliotecário junto ao professor
- Pela procura do professor aos serviços da biblioteca

7) Dê três exemplos de melhores práticas adotadas na sua biblioteca, como motivação para o hábito de leitura.

.....

.....

.....

.....

.....

